

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO - DEC  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM  
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**SHIRLENE HELENA CONCEIÇÃO DA SILVA BARBOSA**

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA SALA MULTISSERIADA NA  
ESCOLA MUNICIPAL JOÃO LINS VIEIRA**

**JOÃO PESSOA  
2017**

SHIRLENE HELENA CONCEIÇÃO DA SILVA BARBOSA

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA SALA MULTISSERIADA NA  
ESCOLA MUNICIPAL JOÃO LINS VIEIRA**

Monografia apresentada à banca examinadora no Curso Pedagogia - Área de Aprofundamento em Educação do Campo do Centro de Educação (CE), Campus I da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

**Orientadora:** Eliane Ferraz Alves

JOÃO PESSOA  
2017

B238p Barbosa, Shirlene Helena Conceição da Silva.

O processo de alfabetização em uma sala multisseriada na Escola Municipal João Lins Vieira / Shirlene Helena Conceição da Silva Barbosa. – João Pessoa: UFPB, 2017.

68f. : il.

Orientadora: Eliane Ferraz Alves

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia - Educação do Campo) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Alfabetização. 2. Sala multisseriada. 3. Aprendizagem. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37(043.2)

SHIRLENE HELENA CONCEIÇÃO DA SILVA BARBOSA

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA SALA MULTISSERIADA NA  
ESCOLA MUNICIPAL JOÃO LINS VIEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Licenciatura em Pedagogia - Área de Aprofundamento em Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de LICENCIADO EM PEDAGOGIA.

Assinatura do autor: Shirlene Helena C. da Silva Barbosa

**APROVADO POR:**

Eliane Ferraz Alves

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Ferraz Alves  
Orientadora

Sônia Maria Cândido da Silva

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Maria Cândido da Silva  
Examinadora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina de Sousa Aldrigue  
Examinadora

JOÃO PESSOA  
2017

Aos amigos, colegas e professores, minha  
gratidão, por compartilharem comigo seus  
conhecimentos.

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde e força para superar os momentos de dificuldade ao longo desse semestre.*

*À minha orientadora, à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Ferraz Alves, por toda sua atenção, paciência, dedicação e seus ensinamentos para que eu pudesse ter confiança e segurança na realização deste trabalho.*

*Aos meus pais, por terem me dado amor, carinho e educação, à minha mãe Marilene por ser um exemplo pra mim e por todo apoio ao longo da minha vida e, por não me deixar desistir nunca dos meus sonhos, mesmo nos momentos difíceis .*

*Ao meu pai Jozenildo (in memoriam) que, mesmo distante, nunca deixou de me amar e cuidar de mim, pra você meu amor eterno.*

*A todos os meus familiares, à minha irmã querida, Sheila por ser minha incentivadora e também minha inspiração; ao meu primo Auristélio por ter me ajudado, ao longo da minha vida acadêmica, em vários momentos; ao meu marido e companheiro de todas as horas, Clodoaldo, por todo amor e compreensão e que sempre me apoiou e incentivou, para que este trabalho pudesse ser concluído.*

## RESUMO

Este estudo teve como principal objetivo analisar as práticas e às estratégias utilizadas no processo de alfabetização de uma sala multisseriada em uma escola do campo. Cogitou com a participação de uma professora que costuma trabalhar as atividades de alfabetização com seus alunos, conforme nosso processo de observação e. De acordo com o relato sobre sua experiência, nesse tipo de sala de aula, na qual encontramos diferentes níveis de aprendizagem. Como se sabe, as salas multisseriadas são bastante heterogêneas pois, além de idades variadas, às crianças têm níveis de aprendizado distintos. Apesar desse contexto didático não favorável, as dificuldades enfrentadas por essa professora e sua turma vêm sendo diminuídas, e bons resultados vêm sendo alcançados. Como pesquisadora que realiza ações, foi feita uma intervenção nessa turma, a ser vivenciada uma sequência didática com duas atividades que contemplavam temas referentes ao processo de alfabetização desses alunos. Concluímos que, apesar das dificuldades encontradas em uma sala multisseriada de uma escola do campo, há diversas possibilidades de ajudar a vencer esses obstáculos e que os professores encontram, no seu dia a dia, durante o processo de alfabetização, formas didático-pedagógicas de interagir com seus alunos, para conseguir avançar no processo de alfabetização de cada um deles.

**Palavras chave:** Alfabetização, Sala multisseriada, Textos, Escola do campo.

## **ABSTRACT**

This case study had as main objective to analyze the practices and also the strategies used in the process of literacy of a multisite room in a rural school. It was attended by a teacher who usually works the activities of literacy with their students, according to our observation process and also, according to the report about their experience in this type of classroom, in which we find different levels of learning. As is known, multi-series rooms are quite heterogeneous because, besides varied ages, children have different levels of learning. Despite this unfavorable teaching context, the difficulties faced by this teacher and her class have been diminished, and good results have been achieved. As a researcher who performs actions, an intervention was made in this group, to be experienced a didactic sequence with two activities that contemplated themes related to the literacy process of these students. We conclude that, despite the difficulties encountered in a multisite room of a rural school, there are several possibilities to help overcome these obstacles and that teachers find, in their daily lives, during the literacy process, didactic-pedagogical ways of interacting with their students, to achieve progress in the literacy process of each of them.

**Key words:** Literacy, multisite room, texts, country school.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A Fachada da Escola João Lins Vieira -----	23
Figura 2 - A área comum da escola -----	23
Figura 3 – O cartaz com a Família silábica -----	43
Figura 4 - A estante de livros da biblioteca -----	47
Figura 5- A frase de incentivo à leitura na parede da biblioteca -----	49
Figura 6- Uma Criança circulando a palavra do texto na cartolina -----	52
Figura 7- As Palavras circuladas no texto "A Invenção do Sapato" -----	52
Figura 8- A atividade de uma criança no nível Pré – Silábico -----	53
Figura 9 - A escrita do nome -----	54
Figura 10- A atividade de uma criança no nível Silábico -----	54
Figura 11- A atividade de uma criança no nível Alfabético -----	55
Figura 12- A construção das palavras da "Barraquinha da Paz" -----	56
Figura 13- Uma criança fixando a palavra no quadro branco -----	57
Figura 14- A atividade da "Barraquinha da Paz" finalizada -----	57
Figura 15- A entrega dos livros paradidáticos às crianças -----	58

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Número de salas multisseriadas Zona Rural X Zona Urbana-----	29
---	----

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Comparativo entre o nível de formação dos professores -----	37
--	----

## **LISTA DE SIGLAS**

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

SECADI – Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

MEC – Ministério da Educação e Cultura

SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica

UVA - Universidade Vale do Acaraú

FUNAD - Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
1.1	OBJETIVO GERAL .....	15
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	15
1.3	JUSTIFICATIVA .....	15
1.4	METODOLOGIA.....	16
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>17</b>
2.1	EDUCAÇÃO DO CAMPO .....	20
<b>3</b>	<b>O SURGIMENTO DAS SALAS MULTISSERIADAS .....</b>	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO .....</b>	<b>33</b>
<b>5</b>	<b>PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO.....</b>	<b>48</b>
5.1	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....	58
<b>6</b>	<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>61</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>62</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>64</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As dificuldades encontradas, durante o processo de alfabetização, em uma sala multisseriada no nosso país, são inúmeras, pois os educadores não apresentam uma formação acadêmica adequada para essa modalidade de ensino.

Neste estudo, as dificuldades encontradas para o desenvolvimento do processo de alfabetização de alunos de uma escola do campo estão centradas, minimamente na estrutura física das escolas, nas condições estruturais, na falta de material didático e de forma mais específica, na formação do professor, pois o perfil dos profissionais da educação do campo é em sua grande maioria apenas o de ter concluído o pedagógico ou o Ensino Médio e, em alguns casos, apenas o ensino fundamental, ou seja, são profissionais que não estão habilitados para assumir uma turma com tantas peculiaridades.

A partir dessa problemática, o principal objetivo desse trabalho é investigar como a professora da escola João Lins Vieira realiza o processo de alfabetização, e ainda fazer um breve histórico sobre as salas multisseriadas, avaliar o perfil desses profissionais e também citar as metodologias que eles utilizam com as crianças em sala.

O primeiro capítulo deste trabalho trata sobre a educação do campo e principais dificuldades que as crianças e os jovens encontram ao longo da sua vida escolar.

O segundo capítulo aborda o surgimento das salas multisseriadas, como uma forma de levar educação formal às crianças da zona rural.

O terceiro capítulo é sobre o processo de alfabetização e o uso de textos visando a um processo de construção do conhecimento, além da utilização de objetos e jogos para tornar a aula mais lúdica.

O quarto capítulo aborda a prática pedagógica na alfabetização e também contempla o relato de uma professora da escola João Lins Vieira bem como o da intervenção didática realizada em uma sala multisseriada.

## 1.1 OBJETIVO GERAL

Estudar como se dá o processo de alfabetização numa sala multisseriada na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Lins Vieira, localizada no município de São Miguel de Taipu- PB.

## 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar um breve histórico sobre o processo de alfabetização em salas multisseriadas nas escolas do campo;
- Identificar o perfil de uma profissional da educação que atua em uma sala multisseriada;
- Investigar as metodologias utilizadas por uma professora no processo de alfabetização das crianças em salas multisseriadas;
- Aplicar uma sequência didática em uma sala multisseriada, com foco no processo de alfabetização.

## 1.3 JUSTIFICATIVA

A motivação para abordar esse tema surgiu, além do interesse próprio, da exigência pedagógica do curso que disciplina em seu Projeto Pedagógico de Curso a necessidade de que os temas desenvolvidos em trabalhos finais estejam relacionados ao campo, ou seja, estejam ligados à área de aprofundamento em Educação do Campo.

Apesar da experiência na Educação Infantil, foram poucas as oportunidades de trabalhar com crianças na Educação do Campo ao longo do curso, embora eu já tivesse visitado duas escolas do campo. Com a escolha do tema surgiu mais uma chance de poder vivenciar a realidade de uma escola do campo, ou seja, vivenciar, particularmente, o dia a dia dos professores e das crianças que ali integram essa escola.

Outra razão que motivou o desenvolvimento deste estudo foi mostrar as principais dificuldades enfrentadas pelos profissionais da Educação e também suas conquistas nesse processo de alfabetização em uma sala multisseriada.

Nesse sentido, o público alvo dessa pesquisa são os educadores que trabalham com crianças que estão sendo alfabetizadas, também conhecer as metodologias que esses professores costumam utilizar com seus alunos para alfabetizá-los.

#### 1.4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, ou seja, a partir de um estudo de caso, foi realizada uma intervenção didático-pedagógica, considerando um período de observação do tipo estruturada, na Escola João Lins Vieira. Neste contexto científico, cabe ao pesquisador apenas descrever tudo que foi visto de maneira imparcial, não podendo deixar transparecer a sua opinião.

Todavia, para que a pesquisa ação seja produtiva, fez-se necessário realizar, além da observação, uma intervenção com as crianças da turma da referida escola, onde os alunos estão sendo alfabetizados.



## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo serão apresentados alguns conceitos de autores que tratam a respeito do processo de alfabetização, assim como serão abordados conceitos relacionados à Educação do campo.

Percebemos que, ao longo dos anos, vários métodos foram criados para auxiliar os professores no processo de alfabetização de nossas crianças no Brasil.

Segundo Soares (2016), duas vias de evolução, nasceu a controvérsia – a questão -, que se estendeu até os anos 1980, acerca dos métodos sintéticos e métodos analíticos, a qual se concretizou em um movimento pendular: a) ora a opção pelo princípio da síntese, segundo o qual a aprendizagem da língua escrita deve partir das unidades menores da língua – dos fonemas, das sílabas – em direção às unidades maiores – à palavra, à frase, ao texto ( método fônico), método silábico); b) ora a opção pelo princípio da análise, segundo o qual essa aprendizagem deve, ao contrário, partir das unidades maiores e portadoras de sentido – a palavra, a frase, o texto – em direção às unidades menores ( método da palavração, método da sentencição, método global). Uma ou outra orientação predominou, em diferentes momentos, ao longo de quase todo o século XX – até os anos 1980.

A criança sente muita dificuldade em representar letras e números no início do seu processo de escolarização, por isso, diversas vezes, utiliza desenhos para poder se expressar. De acordo com Ferreiro (1985), no caso dos dois sistemas envolvidos no início da escolarização (o sistema de representação dos números e o sistema de representação da linguagem), as dificuldades que as crianças enfrentam são dificuldades conceituais semelhantes às da construção do sistema, e assim pode-se dizer, em ambos os casos, que a criança reinventa esses sistemas. Bem entendido: não se trata de crianças que reinventam as letras nem os números, mas que sim de crianças que, para poderem se servir desses elementos como elementos de um sistema, vivenciam processos de construção da língua escrita, com as consequentes regras de produção.

A importância do professor nos Anos Iniciais dos alunos é algo imprescindível, Segundo (Braggio, 1986b). O incentivo para as crianças “escreverem como sabem” no início do processo de aquisição, possibilita que essas crianças desenvolvam determinados princípios linguísticos, ou seja, que estas internalizem a forma de organização da linguagem escrita, em relação ao seu significado na cultura.

Com as orientações dadas em sala de aula pelo educador, segundo soares (2005), o domínio do sistema de escrita é considerado condição e pré-requisito para que a criança desenvolva habilidades de uso da leitura e da escrita, lendo e produzindo textos reais.

Dessa forma, a criança necessita de um ambiente favorável para o seu aprendizado e cabe não somente ao educador essa responsabilidade, mas também a responsabilidade dos pais cuja participação é extremamente importante. Segundo Soares (2005), a criança, para aprender o sistema de escrita, depende de estímulos externos cuidadosamente selecionados ou artificialmente construídos com o único fim de levá-la a apropriar-se da tecnologia da escrita. Diante disso é muito mais fácil e também agradável tanto para o educador quanto para o aluno estarem em um ambiente organizado e bem estruturado, o que é importante em uma sala de aula organizada, em forma de ambiente alfabetizador. Segundo Goodman (1987), as salas devem ser organizadas de forma a facilitar a interação entre os alunos e para que a aprendizagem seja relevante para cada um deles.

O professor tem uma função muito importante no processo de aquisição de leitura e escrita. Conforme Goodman (1987), dentro dessa perspectiva, o papel do professor é o de facilitador, guia, monitor da aprendizagem.

E, quando o processo de alfabetização ocorre em uma sala multisseriada que está inserida na realidade do campo, esse estímulo precisa ter um olhar ainda mais sensível, não apenas do professor daquela turma, mas de todos que constituem a nossa sociedade. Segundo Arroyo (1999), como educadores, é preciso sensibilidade para essa dinâmica social, educativa e cultural, e se perguntar quais novos sujeitos estão sendo constituídos, formando se, quais crianças, jovens, adultos, mulheres, professores, líderes, quais relações sociais de trabalho, de propriedade, quais valores estão sendo apreendidos nesse movimento e dinâmica social do campo?

As dificuldades encontradas por alunos e professores no cenário da Educação do campo ocasionam inúmeros transtornos para ambos. Segundo Soares (2016), em primeiro lugar, ela ocorre em uma sala de aula com certo número de alunos, número que pode ser adequado, ou não, às necessidades e às possibilidades dos métodos de alfabetização, com espaço suficiente e adequado, ou não, às atividades previstas pelos métodos, com disponibilidade, ou não, de material didático e recursos necessários à prática dos métodos. Para tal

É imprescindível o uso de materiais que abordem temas relacionados à realidade na qual os alunos estão inseridos, valorizando sua cultura, seus costumes, que, para Goodman (1987), devem estar ligados ao mundo real, incluindo a comunidade, com textos mais úteis, interessantes e relevantes para os aprendizes.

Quando falamos em alfabetizar crianças que vivem na zona rural, muitas vezes, nos deparamos com o preconceito em relação ao homem do campo, sua cultura, sendo que, na maioria das vezes, esse homem do campo é rotulado como uma pessoa sem estudo e que não tem nada a ensinar o que é um erro. Para Goodman (1980), o processo pode ser revertido quando se aceitam as diferenças das crianças, quando se começa no lugar em que estão, ou seja, "aceitando diferenças culturais e linguísticas e tratando-as como pontos fortes ao invés de fracos... aceitando a língua falada em casa... [variedade não-padrão] ... como base e ajudando as crianças a expandir esta base dentro e fora da escola.

É interessante levar em consideração o quanto é importante para as crianças viverem em um ambiente motivador, para que elas tenham a possibilidade de fazer uso da escrita e da fala e, conseqüentemente, para que ela leia, escreva. É de importância que isso ocorra de maneira agradável. De acordo com Smith (1989), tudo que as crianças precisam para dominar a linguagem falada e para compreenderem sua utilização pelos outros, é ter a experiência de usar a linguagem em um ambiente significativo. As crianças aprendem facilmente a falar, quando estão envolvidas em sua utilização, quando esses processos lhes fazem sentido. E, da mesma forma, tentarão compreender a linguagem escrita se estiverem envolvidas em sua utilização, em situações em que lhes faz sentido e quando podem gerar e testar hipóteses.

De acordo com Goodman (1987), as crianças aprendem a escrever da mesma forma e pelas mesmas razões que aprendem a falar através de explorações sobre a forma e as funções da escrita, num determinado contexto sociocultural. Dessa forma, o uso de textos pelo educador durante esse processo de alfabetização, é imprescindível, segundo Ferreiro e Teberosky (1986). Ferreiro (1985), fundamentando-se em objetivos e pressupostos radicalmente diferentes, e tomando como ponto de partida o quadro da matriz teórica do cognitivismo piagetiano, afirma, ao contrário, a prevalência da aprendizagem sobre o ensino, deslocando o foco do professor para o aprendiz a outra esclarece que o processo de aprendizagem da língua escrita pela criança se dá por uma construção progressiva do princípio alfabético, do conceito de língua escrita como um sistema de representação dos sons

da fala por sinais gráficos e ainda propõe que se proporcionem oportunidades à criança para que se construam esse princípio e esse conceito por meio de interação com materiais reais de leitura e de escrita – textos de diferentes gêneros e em diferentes portadores; textos “para ler”, e não textos artificialmente elaborados “para aprender a ler”, apagando-se, assim, a distinção, que métodos sintéticos e analíticos assumem, entre aprendizagem do sistema de escrita e práticas de leitura e de escrita.

Ferreiro, (1990a), fundamentando-se na psicogênese da língua escrita, toma como critério, na identificação das fases de desenvolvimento da escrita, as hipóteses da criança em sua progressiva aproximação ao princípio alfabético de escrita, definindo como objetivo de seus estudos, “a compreensão da evolução dos sistemas de ideias que as crianças constroem sobre a natureza do objeto social que é o sistema de escrita”.

## 2.1. EDUCAÇÃO DO CAMPO

No Brasil, a Educação do Campo, ainda tem muito a desenvolver, principalmente devido à falta de políticas educacionais que sejam voltadas para esse fim. A falta de prioridade das ações governamentais para a Educação do Campo caracteriza uma desvalorização do homem que lá trabalha e acaba estabelecendo, com isso, uma vida mais limitada para seus filhos.

São inúmeras as dificuldades que as crianças e os jovens encontram ao longo da sua vida escolar. O que eles mais querem é adquirir não apenas conhecimentos, mas também um local de convívio com outras pessoas da mesma faixa etária, ampliando, com isso, as relações sociais.

O Brasil ainda está muito longe de conseguir universalizar o acesso das crianças e jovens a uma Educação Básica no campo de qualidade, pois faltam investimentos e políticas públicas que valorizem o homem do campo.

Atualmente existe cerca de 76.2 mil escolas rurais, destas 42 mil são multisseriadas. Nessas escolas encontramos os mais diversos problemas em sua infraestrutura, por exemplo a falta de investimentos nesses espaços educativos é algo muito preocupante.

A modalidade de Educação do Campo ocorre em espaços que são denominados rurais e que abrangem: espaços da floresta, da agropecuária e

minas e agricultura, chegando a outros espaços como: os pesqueiros, as populações ribeirinhas, os caiçaras e os extrativistas ainda englobam, também, as comunidades quilombolas, indígenas e os assentamentos.

Segundo o Censo Escolar de 2012, a maior parte dessas escolas está na Região Norte: 209 no estado do Pará e 202 no Amazonas. As demais escolas estão no Acre (36), no Maranhão (22), na Bahia (12) em Roraima (11), em Pernambuco (6), no Amapá (4), no Mato Grosso (3), no Piauí (2) e em Rondônia (1). Do total, 184 estão em terras indígenas, 44 em áreas de assentamento, oito em áreas remanescentes de quilombos e uma em unidade de uso sustentável. Grande parte é municipal. "

Uma característica muito marcante das escolas do campo é que elas são geralmente formadas de uma única sala de aula, na qual os professores têm que desenvolver um trabalho com diferentes séries e idades e conteúdo, caracterizando, com isso, uma sala de aula multisseriada.

Outro ponto muito importante é que, muitas vezes, a estrutura física das instalações dos prédios é bastante precária. Muitas dessas construções ainda são de taipa ou de madeira ou de alvenaria e a grande maioria não tem nem iluminação e circulação de ar adequado para uma sala de aula, além disso, falta mobiliário e materiais didáticos adequados para os alunos.

De acordo com Antunes (2003), problemas ocorridos tanto dentro quanto fora do ambiente escolar refletem no desenvolvimento das crianças e, conseqüentemente, em seu aprendizado. "É evidente que causas externas à escola interferem, de forma decisiva, na determinação desse resultado. A escola, como qualquer outra instituição social, reflete as condições gerais de vida da comunidade em que está inserida. No entanto, é evidente, também, que fatores internos à própria escola condicionam a qualidade e a relevância dos resultados alcançados. "(2003,p.20).

A falta de investimentos na formação dos educadores do campo e na estrutura física das escolas traz diversos problemas. Um deles é a evasão escolar, pois o que percebemos é que as escolas do campo, em sua maioria, não têm a mínima condição de funcionamento, o que desestimula os alunos, ocorrendo, com isso, um aumento no número de crianças e jovens que abandonam a escola e deixam de ser alfabetizados.

De acordo com Antunes (2003, p.20), as dificuldades da leitura desses alunos provocam um sentimento de total frustração, o que ocasiona um aumento bastante significativo no número de estudantes fora da sala de aula.

[...]Com enormes dificuldades de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, “deixa” a escola com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer os seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece à sua volta. Naturalmente, como tantos outros, vai ficar à margem do entendimento e das decisões de construção da sociedade. (ANTUNES,2003,p.20).

Além do problema da evasão escolar em decorrência da falta de estímulos e investimentos na educação dessas crianças, o que dificilmente dão continuidade aos estudos, há o problema de que a grande maioria não volta a estudar. Outro problema que podemos citar é que esses futuros adultos ficam totalmente à margem da sociedade, pois desconhecem os seus direitos e deveres, pois crianças e jovens precisam trabalhar na agricultura principalmente para ajudar seus pais, o que ocasiona um número muito elevado de alunos fora da sala de aula.

No campo, há duas vertentes a respeito dessa questão sobre o trabalho infantil, ou seja: a) existem aquelas crianças e jovens que trabalham com seus pais na chamada agricultura familiar, pois seus pais acreditam que esse trabalho é de extrema importância na formação do caráter dessas crianças e jovens; e b)

há outro tipo de trabalho infantil que é aquele que costuma explorar crianças e jovens como, por exemplo: corte da cana de açúcar, carvoarias, arrancar sisal etc.

O docente que leciona no campo também enfrenta problemas além da infraestrutura precária na grande maioria das escolas. Estes estão relacionados com a definição de linhas pedagógicas, sendo essa definição, ou, melhor dizendo, essa indefinição, um dos maiores obstáculos para que possamos estabelecer um nível de igualdade entre o sistema educacional brasileiro e a Educação rural. No tocante a estrutura física da Escola João Lins Vieira, em comparação a outras escolas do campo que visitamos, o prédio tem suas dificuldades, mas também é de alvenaria, tem muro, portão e a pintura da fachada é nova. Possui um jardim que é bem simples, mas que é trabalhado, pelos educandos, com reciclagem, pois os canteiros são feitos com pneus.

Conforme podemos constatar na imagem da Escola João Lins Vieira, a seguir, é que o espaço físico é muito pequeno e falta muito coisa, mas, em comparação com outras escolas do campo, o prédio está até conservado. No entanto, falta um espaço

para as crianças poderem brincar e também realizar as atividades de esporte e lazer que são oferecidas na escola. Não há condição dessas atividades serem realizadas, porque não existe uma área coberta e nem calçada para os alunos praticarem esses esportes. Abaixo apresentara uma foto da fachada da referida Escola.

Figura 1- A Fachada da Escola João Lins Vieira



Fonte: A pesquisadora.

A escola possui duas salas de aula pequenas, uma cozinha, dois banheiros, um para os meninos e outro para as meninas. Há, também, uma biblioteca pequena, uma secretaria que também funciona como diretoria. Conforme já explicitamos, embora os alunos tenham aulas de esporte e lazer ministradas por um oficineiro do Programa Mais Educação, a escola não possui uma área coberta para a realização dessas atividades, pois as crianças brincam no mesmo terreno da escola, só que atrás do prédio, em chão de terra. A seguir apresentamos uma foto da área comum utilizada pelas crianças.

Figura 2 - A área comum da escola



Fonte: A pesquisadora.

Um grande obstáculo para as crianças e os jovens da zona rural é chegar à escola, pois as distâncias são imensas, o que acarreta vários riscos à integridade emocional e física desses estudantes e dos profissionais da Educação.

Devido às longas distâncias percorridas por esses estudantes, eles precisam acordar muito cedo para conseguir chegar à escola o que resulta em um baixo rendimento dos educandos, pois o cansaço é algo bastante presente no dia a dia deles. A maioria das crianças da Escola João Lins Vieira mora no Sítio Engenho Corredor que fica muito distante da escola.

Outro diferencial que acontece nas escolas do campo é o calendário que é adaptado à colheita das safras, ou seja, as férias devem ocorrer nesse período, pois essas crianças e adolescentes precisam ajudar seus pais no sustento de suas famílias.

Nessa modalidade de ensino um ponto muito complexo são os currículos que, por essa visão geral, não são nada atrativos para os estudantes, porque os livros didáticos utilizados por esses estudantes estão bem longe da realidade local.

Na Educação do Campo, deve-se considerar a grande diversidade que está inserida nesses espaços rurais, e também preservar os saberes que estão presentes nas pessoas daquele local, ou seja, os conhecimentos que cada criança traz consigo e que são adquiridos pelo convívio com seus familiares e com a comunidade onde ela está inserida. Um outro ponto interessante a ser considerado nessa modalidade de ensino é o crescimento desenfreado do agronegócio é algo que tem prejudicado o modelo de agricultura familiar dos sujeitos do campo. O agronegócio não afeta apenas o homem do campo, no setor financeiro, mas também, de certa forma, ameaça a educação do campo, pois, quando os proprietários de grandes propriedades de terra estão tomando conta de tudo, eles se apropriam não apenas do espaço físico daquelas pessoas, mas fazem com que acabem perdendo sua cultura. Suas raízes e sua identidade de morador do campo vão sendo marginalizadas em detrimento das novas tecnologias trazidas das grandes cidades.

De acordo com Arroyo (1999, p.15), [...] quando a terra, o território, as formas de produção estão ameaçadas, são ameaçadas também a formação da cultura, do conhecimento, das identidades temporais. Com isso, tem-se mais uma das ameaças decorre, exatamente, de uma imagem totalmente distorcida do homem do campo, por ser visto como sendo uma pessoa atrasada culturalmente falando. Assim, de acordo



com Arroyo [...]. Qualquer proposta e ação educativa só acontece se enxertada em uma nova dinâmica social.

Atualmente, há um aumento da participação dos Movimentos Sociais na Educação do Campo, devido aos inúmeros conflitos, muitas vezes, tensos. Ainda como, de certa forma, também, uma certa e perigosa calmaria. Um movimento silencioso, um caminhar constante, em busca de direitos que foram e são sonogados ao homem do campo. A esse respeito, e de acordo com Arroyo, temos, como educadores, necessidade de termos um olhar mais sensível para com os nossos alunos.

[...] de ter sensibilidade para essa dinâmica social, educativa e cultural, e perguntar-nos que novos sujeitos estão se constituindo, formando, que crianças, jovens, adultos, que mulheres, que professoras e professores, que lideranças, que relações sociais de trabalho, de propriedade, que valores estão sendo aprendidos nesse movimento e dinâmica social do campo. O foco de nosso olhar não pode ser somente a escola, o programa, o currículo, a metodologia, a titulação dos professores. (ARROYO 1999,p.15).

Os educadores do campo precisam ter, além de uma dinâmica totalmente diferente em sala de aula, um olhar mais sensível para com esses estudantes, porque o campo em si já possui muitas especificidades que devem ser respeitadas, trabalhadas e, principalmente, valorizadas com todos os sujeitos do campo.

Por diversas razões, a cultura do homem do campo deve ser respeitada, é uma cultura rica. Segundo Molina, a desvalorização dessa cultura traz diversos problemas para os moradores da zona rural.

[...] dos conhecimentos práticos/teóricos que trazem os sujeitos do campo, construídos a partir de experiências, relações sociais, de tradições históricas e principalmente, de visões de mundo, tem sido ação recorrente das escolas e das várias instituições que atuam nestes territórios. Como romper com o silenciamento destes saberes e legitimar outros processos de produção do conhecimento, trazendo-os para dentro da escola do campo, para dentro das universidades. (MOLINA 2006, p.12)

Por esta razão, como educadores, é preciso desenvolver a valorização da cultura do homem do campo, devemos trabalhar pela aceitação de seus costumes,

por ele ser um ser pensante e que tem muito a ensinar. Este conhecimento do sujeito do campo é algo que não se aprende em escolas, universidades, é conhecimento construído conjuntamente, com as experiências vividas pelos moradores mais velhos e que são repassados para os mais jovens é o chamado "conhecimento de mundo" que é passado de pai pra filho por várias gerações.

A esse respeito, Arroyo (1999) afirma que Toda educação escolar terá que vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social."

[...]Toda educação escolar terá que vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social." Esta tem que ser a marca de vocês. Porque, se alguém não pode renunciar a essa marca, são vocês que lutam pela terra, por outro modelo de produção e de educação básica. Não é só levar toda criança do campo à escola. Vocês defendem a alternância entre família, trabalho, escola, ou uma proposta de educação básica como síntese orgânica entre as experiências na vida familiar, produtiva, da rua, do campo, do trabalho e a projetos educativos. (ARROYO 1999,p.22).

As crianças e jovens não são educados somente na escola, eles convivem com várias pessoas em outros locais, ou seja, vivenciam coisas diferentes nesses ambientes que contribuem no seu processo de aprendizado. As experiências de vida que farão toda diferença ao longo de suas vidas, porque as crianças aprendem muito com os adultos que estão ao seu redor. Com isso a importância de damos bons exemplos para elas.

Um ponto controverso é que, na formação do profissional e no curso de graduação de Pedagogia, com área de aprofundamento em Educação do Campo, o currículo não tem quase nenhuma vivência com as escolas do campo e, conseqüentemente, não convivemos com as crianças e jovens que fazem parte dessa realidade, apesar do curso ter disciplinas referentes ao tema. Ou seja, falta, esse contato com essa modalidade de ensino.

Por diversas vezes, deparamos com a seguinte situação: os profissionais que trabalham nessa modalidade de ensino estão sempre em busca de conteúdos que contemplem a realidade do campo e, muitas vezes, não contam com o apoio das Secretarias de Educação dos municípios onde atuam, ou seja, tendo, na maioria das vezes, que adquirir materiais pedagógicos com seus próprios recursos.

O currículo de uma escola do campo deve orientar e apresentar-se para que os

alunos tenham a opção de permanecerem no ambiente rural, onde estão inseridos, e desse modo que englobe temas voltados às questões de agro-ecologia e à sustentabilidade, por fazerem parte da realidade. Esse currículo também deve contemplar outros temas, que permita o aluno escolher se vai permanecer na zona rural ou não.

Outro ponto complexo também é o material didático que é utilizado nas escolas rurais. Na maioria das vezes, não aborda a realidade do alunado daquele local.

Todavia, de acordo com a Resolução nº40/2011, é de responsabilidade do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e da Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) o papel de criar os editais de convocação e depois avaliar e selecionar os livros para as escolas do campo.

De acordo com o MEC (Ministério da Educação e Cultura), esses livros que serão distribuídos para os alunos e professores das escolas rurais não precisam ser devolvidos no final do ano letivo.

Quando visitei a Escola João Lins Vieira e perguntei à professora sobre o livro didático adotado em sala, ela relatou que o livro não contempla a realidade daqueles alunos, os trazer vários exemplos de situações que aquelas crianças nunca tiveram contato. Acerca desse ponto, é válido esclarecer que não que isso seja ruim para os educandos, já que eles também precisam conhecer outras culturas e não ficarem presos apenas à realidade do campo, ou seja, a comunidade onde estão inseridos. O livro que os estudantes utilizam faz parte da coleção Campo Aberto dos autores: Andréa Gomes de Alencar, Denise Mendes, Judith Nuria Malda, Márcia Rodrigues de Souza Mendonça, Maria da Conceição Carneiro Oliveira, Marianka de S. G. Santa Bárbara. , da editora Global.

Realizar essa visita foi importante, pela oportunidade de conversar um pouco com a professora e também de fotografar algumas atividades realizadas pelos alunos, dos cartazes que estavam na parede da sala, do livro que é utilizado pelos educandos. Através dessa visita realizamos a coleta de dados sobre o dia a dia de uma sala de aula multisseriada, com o objetivo de mostrar como ocorre o processo de alfabetização dessa modalidade de ensino, que é bastante complexa.

### 3 O SURGIMENTO DAS SALAS MULTISSERIADAS

As salas multisseriadas surgiram em um panorama da Educação do Campo como uma possível solução de que pudessem levar educação formal às crianças e jovens que vivem na zona rural e também por não existir uma quantidade muito grande de crianças para formação de uma turma seriada. De acordo com os padrões do sistema educacional vigente, é obrigatório haver uma quantidade significativa de educandos, para que a matrícula dos alunos seja regulamentada.

Denomina-se “classe multisseriada” uma organização de ensino nas escolas rurais, na qual o educador costuma trabalhar com séries diferentes em uma mesma sala, ou seja, com idades variadas e níveis de conhecimentos e ritmos de aprendizados diferentes. Esse modelo de ensino das classes multisseriadas tornou-se uma estratégia para resolver o problema ao acesso à escola, porque algumas delas se encontram em áreas de difícil acesso, ocasionando, com isso, um número muito baixo de crianças e jovens presentes nas escolas do campo. De acordo com Hage (2005,p.43).

[...] vivenciada pelos sujeitos nas escolas existentes no campo denuncia grandes desafios a serem enfrentados para que sejam cumpridos os marcos operacionais anunciados nas legislações educacionais que definem os parâmetros de qualidade do ensino público conquistados com as lutas dos movimentos sociais populares do campo. (HAGE 2005, p.43).

Percebemos que, apesar dos vários desafios enfrentados tanto pelos educadores do campo quanto pelos estudantes, é o acesso à escolarização na comunidade onde estão inseridos os sujeitos do campo, que torna a existência das salas multisseriadas como algo positivo, porque essas crianças e jovens não necessitam enfrentar um deslocamento do local em que estão habituados.

No entanto, a qualidade do ensino que é ofertado no campo é limitada e necessita de um olhar mais sensível acerca dessa realidade que é tão rica culturalmente e também muito importante para o nosso país. A produção agrícola vem da zona rural, é o homem do campo que produz o alimento que vai para as casas na zona urbana, mas esse homem, infelizmente, ainda sofre com o preconceito de boa parte da população.

De acordo com Hage, acerca desse preconceito, às vezes direto, às vezes velado,

[...] o enfrentamento dessa situação desastrosa no contexto da educação do campo pode ser alcançado através da construção coletiva de um currículo que valorize as diferentes experiências, saberes, valores e especificidades culturais das populações do campo da Amazônia. Sinalizamos ainda à concretização de um processo de educação dialógica que inter-relacione sujeitos, saberes e intencionalidades, superando a predominância de uma educação bancária de forte tradição disciplinar, pois entendemos que os saberes da experiência cotidiana no diálogo com os conhecimentos selecionados pela escola propiciam o avanço na construção e apropriação do conhecimento por parte dos educandos e dos educadores. ( HAGE 2005,p.56).

O número dessas escolas com salas multisseriadas é bem significativo na zona rural, onde encontramos uma maior quantidade de salas. Em todo o Brasil, são cerca de 45.716 escolas e esse número engloba a zona rural e também a zona urbana, dados do Censo Escolar de 2011.

A seguir apresentamos um quadro com objetivo de mostrar o número de salas multisseriadas é bem maior na zona rural.

Quadro 1 – Número de salas multisseriadas Zona Rural X Zona Urbana

<b>Zona</b>	<b>Número de Escolas com Salas Multisseriadas</b>	<b>Número de matrículas</b>
<b>Rural</b>	42.711	1.040.395
<b>Urbana</b>	3.005	91.491

Fonte: Censo Escolar 2011.

O quadro 1 mostra com clareza que é na zona rural onde encontramos uma grande quantidade de salas multisseriadas e um imenso número de alunos matriculados nessa modalidade de ensino, embora essas salas existam, também, na zona urbana, mesmo que em um número bem inferior.

Um das grandes dificuldades que os professores enfrentam nessa modalidade de ensino é a de atender o aluno individualmente, ou seja, dar mais atenção àquela

criança que necessita de um cuidado maior. O educador dessa modalidade deve planejar suas aulas com diferentes níveis, já que nesse tipo de sala de aula encontramos séries variadas compartilhando o mesmo espaço.

Outro ponto complexo é a formação desses profissionais da Educação que lecionam na zona rural e não têm uma formação mínima exigida pela legislação, ou seja, não são pedagogos, não têm licenciatura no curso de Pedagogia.

Além disso, as salas multisseriadas não são exclusividades do Brasil, elas também existem nos Estados Unidos, no Canadá e em alguns países da Europa, na zona rural desses países, o que nos permite constatar que, com investimentos na Educação, é possível obter êxito com essa organização de sala de aula.

No Brasil e também em outros países, esse modelo de sala foi criado pela baixa densidade demográfica, e pela dificuldade no acesso a outras escolas, por haver um número muito pequeno de crianças, o que não daria para montar uma sala por séries específicas, individuais.

No Brasil, os alunos que fazem parte das salas multisseriadas não participam de nenhum tipo de avaliação em nível nacional como: prova Brasil e o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb).

Um grande desafio encontrado pelos professores de uma sala multisseriada e que, além de ensinar todas as disciplinas, esse é professor "polivalente", ainda tem de trabalhar com essa diversidade cultural que existe em uma classe multisseriada, visto que o educador além de se deparar com diferentes faixas etárias e com níveis de aprendizado muito distintos.

Percebemos que ocorre na grande maioria das classes multisseriadas assim às professoras costumam dividir a sala por séries, mais especificamente, em fileiras, já algumas professoras organizam em grupos, de modo que as diferentes séries e os distintos níveis de aprendizado se misturam de uma forma muito positiva, pois ocorre uma troca de informações riquíssima entre essas crianças e os jovens que estão inseridos nessa classe.

Os problemas de aprendizagem e de infra-estrutura não estão presentes apenas nas salas multisseriadas das escolas do campo, ou seja, é algo que também existe em algumas salas seriadas das escolas da zona urbana. Por exemplo, o uso de projetos didáticos nessas salas é algo maravilhoso, pois abre uma cartela infinita de possibilidades para o educador trabalhar os diferentes níveis de aprendizado com

seus alunos, porque durante a realização dessas atividades um aluno interage com o outro e ambos conseguem avançar.

No projeto didático, o professor tem a opção de trabalhar com um único tema, mas explorando os diferentes níveis de aprendizado dos seus alunos, tornando a aula mais atrativa para as crianças e tendo excelentes resultados.

Todavia, também poderá ocorrer que o educador necessite trabalhar em grupos de modo que as crianças tenham o mesmo nível, para que possam, de certa maneira, se aprofundar em determinados assuntos, aumentando o nível de cobrança.

Quando se fala da existência ou não das salas multisseriadas entre os educadores do campo, o que conseguimos perceber que há um impasse entre os professores, visto que uma boa parte deles é totalmente contra a sua existência, pois esses profissionais acreditam que esse modelo de organização mostra uma total falta de investimentos, resultando numa absoluta precarização do ambiente escolar.

Entretanto, há um grupo de educadores que consideram esse tipo de organização de sala como algo possível de se trabalhar e de conseguir bons resultados no aprendizado de seus alunos.

Há algo muito comum nas escolas do campo. Lá encontramos um modelo de sala multisseriada o que requer que o professor realize outras tarefas que não fazem parte da sua função de educador, como por exemplo: trabalhar no preparo da merenda das crianças, na secretaria etc.

Durante as visitas na Escola João Lins Vieira, podemos perceber que as professoras realizavam apenas suas funções em sala de aula. Esse modelo de gestão não costuma ocorrer nas escolas do campo. Normalmente o professor acumula atividades que vão além da sua sala de aula por falta de funcionários para realizar essas funções no ambiente escolar. Esse acréscimo de função torna a vida desses educadores difícil, porque acumula funções o que é cansativo, além disso, ocasiona uma perda de tempo significativa de modo que o educador poderia utilizar esse tempo em sala de aula acompanhando mais de perto seus alunos.

Segundo Hage (2005),

[...] o acúmulo de funções e de tarefas que assumem nas escolas multisseriadas, dificulta aos professores realizar o atendimento necessário aos estudantes que não dominam a leitura e a escrita, implicando na elevação das taxas de reprovação e defasagem idade série nas turmas. Por outro lado, essa situação se torna problemática,

porque os professores têm sido pressionados pelas secretarias de educação a aprovar o maior número de estudantes possível no final do ano letivo, como forma de relativizar os índices elevados de fracasso escolar”.( HAGE 2005,p.53).

Por muitas vezes, fazemos a seguinte pergunta: Como as professoras das salas multisseriadas conseguem ministrar suas aulas diante de como esse modelo de organização tão complexo? Uma das respostas que encontramos é que as professoras são “heroínas”.

Mas acreditamos que, na verdade, os educadores dessas salas são seres humanos maravilhosos, que dedicam um pouco do seu tempo à educação de seus alunos, para tentar melhorar uma realidade um tanto quanto difícil e tão esquecida e desvalorizada por nossos governantes.

Para atender as necessidades de uma turma multisseriada, o educador precisa planejar muito bem suas aulas, tornando-as mais dinâmicas e, conseqüentemente, mais atrativa para os seus alunos, pois é uma classe em que há uma diversidade imensa. Muitas vezes, os educandos são carentes de atenção, ou seja, são crianças e jovens que necessitam de um olhar mais sensível por parte dos educadores que convivem diariamente com eles.



#### 4 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Nos dias de hoje, os professores tem um grande desafio manter a atenção das crianças e adolescentes durante o ensino da Língua Portuguesa, principalmente no processo de alfabetização dos educandos.

Estratégias bastante eficazes estão centradas no uso da dramatização, nas rodas de conversa para contar histórias, no uso de fantoches, do alfabeto móvel, que pode ser confeccionado pelos próprios educadores. Essas estratégias e materiais didáticos possibilitam, portanto, um aprendizado mais dinâmico e bem mais interessante para os alunos.

É importante, não esquecer a grande importância do uso dos textos em sala de aula, durante o processo de alfabetização das crianças, entre eles podemos citar: quadrinhas, parlendas, trava-línguas, adivinhas, cantigas de roda, poemas etc. O uso desses tipos de textos durante o processo pedagógico traz inúmeros benefícios aos alunos, pois estabelece uma relação de extrema importância entre a fala e a escrita.

Segundo Rosenblat, o ato de ler um texto deve ser visto como um encontro entre o indivíduo e o texto e deve ocorrer em um dado momento específico, porque o meio em que esse leitor está inserido faz toda diferença nesse processo, pois nele encontramos elementos que fazem parte da sua cultura.

[...]Portanto, qualquer evento de leitura deve ser visto dentro de uma matriz pessoal, social, histórica e cultural, pois não somente o que o leitor traz para a transação de sua experiência passada de vida e de linguagem, mas também as circunstâncias socialmente moldadas e propósito da leitura, dão a contextualização para o ato de simbolização. ( ROSENBLAT1978, p.69).

Na década de 1980, surge o construtivismo como uma possível solução para o fracasso no processo de alfabetização dos alunos, embora muitos estudiosos afirmem que a principal causa desse fracasso esteja relacionada a problemas de natureza social, ou seja, à falta de políticas públicas voltadas para a população mais carente em setores como: Segurança, Saúde, Alimentação, Saneamento, Moradia. Este é, portanto, um problema bem mais complexo, que vai além da falta de investimentos e da má distribuição de recursos para a melhoria desses serviços tão essenciais para a

população brasileira. Com isso, percebemos que um bom desenvolvimento de nossos alunos e, conseqüentemente, sua evolução, estão ligados a fatores que ultrapassam os limites da educação.

Segundo Ferreiro e Teberosky,

[...] a solução, para combater os altos índices de reprovação na aprendizagem inicial da língua escrita, seria não um novo método, mas uma nova concepção do processo de aprendizagem da língua escrita, tendo como fim último o de contribuir na solução dos problemas de aprendizagem da lectoescrita na América Latina, e o de evitar que o sistema escolar continue produzindo futuros analfabetos. ( FERREIRO e TEBEROSKY 1986, p.32),

O processo de alfabetização pode ter como base uma proposta construtivista, sendo essa uma linha pedagógica que o aluno vivencia de forma mais ativa, ou seja, ele é estimulado a experimentar novos procedimentos e métodos. Nesse sentido, o aluno só tem a ganhar com tudo que o construtivismo tem a oferecer para o seu crescimento intelectual.

Nesse processo, é evidente que o educador tem um importante papel, o de criar situações-problema que sejam compatíveis com o nível de desenvolvimento dos seus alunos, ou seja, o professor agirá como um mediador, orientador e criador de conflitos.

Na proposta construtivista, os professores demonstram uma postura contrária à elaboração de um material único que deva ser utilizado por todas as crianças, e os educadores também não costumam aceitar que o processo fônico seja visto de maneira prioritária.

Quando o professor alfabetizador utiliza textos que fazem parte do universo das crianças, ele está criando, com isso, um ambiente mais favorável no processo de ensino aprendizagem do educando. Por isso, cabe ao educador buscar novas estratégias que facilitem essa etapa da vida escolar dos alunos,

O educador precisa considerar que cada criança traz consigo conhecimentos que foram construídos através de vivências com seus familiares, e que cabe ao educador criar situações, ou seja, direcionar o aluno, estimulá-lo. Goodman (1984, p.70), em seu modelo Sociopsicolinguístico de leitura, “acredita que, basicamente, toda criança é equipada com a habilidade de que ela necessita para aprender a ler

e escrever. O que ela precisa é descobrir as regras particulares que se aplicam a esta aprendizagem”.

O que percebemos nas turmas multisseriadas do campo, é que os professores têm alunos com os mais variados níveis de escrita e leitura o que torna ainda mais complexo esse processo.

As crianças, desde muito pequenas, fazem uma “leitura”, de imagens de objetos que estão presentes no seu dia a dia, ou seja, de tudo que faz parte da sua realidade, quer elas estejam inseridas na zona urbana ou na zona rural.

E a escrita também está muito presente no cotidiano dessas crianças. As da zona urbana vivenciam mais intensamente isso, pois, por todos os lados, encontramos uma infinidade de práticas de letramento como ver um adulto lendo textos de revista, jornal, gibi, o que possibilita a criança também se interessar por esse universo que começa a surgir para ela com tantas novidades.

No caso das crianças que vivem na zona rural, esse contato com os livros, revistas, jornais e até mesmo os gibis, não acontece de uma maneira tão natural como ocorre com as crianças que vivem na zona urbana. A experiência nos faz observar que a realidade delas é algo bem mais complicado, fato que a grande maioria dos pais não foi alfabetizado, o que dificulta ajudarem seus filhos no processo de alfabetização.

Contudo, sabemos que, na maioria das vezes, as primeiras experiências que as crianças do campo terão com os livros, sejam eles didáticos ou paradidáticos, costumam ocorrer na escola com o auxílio do professor, pois o que encontramos nas escolas do campo é a falta de materiais e de recursos simples. 89% das escolas não possuem biblioteca, 81% não contam com laboratório de informática e 15% não possuem energia elétrica, e estes recursos fazem muita falta tanto para o aluno quanto para o professor, no processo de alfabetização, conforme dados informados por

Diante desse diagnóstico é que compreendemos a importância de alfabetizar esses alunos, para que tenham acesso à funcionalidade da língua materna e que possam aprender a ler e a escrever tornando-se um cidadão mais consciente de seus direitos e deveres. Consequentemente, ter acesso fará o seu dia a dia um pouco mais fácil, para que tenham um futuro mais tranquilo, já que o

conhecimento é algo que, ao adquirirmos, fica conosco para sempre e vai aumentando conforme o aluno vai progredindo nos estudos.

Segundo Antunes (2003), é relevante que os alunos aprendam a utilizar as regras da Língua Portuguesa, para que possa dar importância a educação na vida dessas crianças.

[...]Saber tais regularidades faz muita diferença, quando nos encontramos nas situações reais do uso da língua, dentro e fora da escola. Não saber tais regularidades concorre, significativamente, para deixar-nos limitados no acesso ao conhecimento e nas atividades de sua produção. ( ANTUNES 2003,p.16).

Quando se trata de heterogeneidade na alfabetização, o que percebemos é que há uma grande diversidade no ritmo e no modo como cada aluno assimila os conteúdos, o que é algo totalmente esperado. Cada criança tem o seu ritmo de aprendizagem e que isso também costuma ocorrer, de certa forma, em salas não multiseriadas, já que, nessas salas, acontece uma falta de interação do aluno por não acompanhar os conteúdos daquela turma, o que fica retido no ano seguinte na mesma série.

Dessa forma, o que gera um obstáculo nesse tipo de sala, dificultando o trabalho do professor, em uma sala totalmente heterogênea, avançar com crianças, jovens mais desenvolvidos.

Uma das dificuldades relatada entre os educadores das escolas do campo é a falta da participação dos pais nas atividades escolares das crianças. Isso ocorre pela baixa escolaridade dos pais, o que acarreta diversos problemas na vida escolar desses alunos.

Mesmo com essas dificuldades encontradas pelos docentes e discentes, durante o processo de alfabetização, ainda sim encontramos bons exemplos de superação de ambas as partes, pois muitas vezes, os professores compram materiais com seus próprios recursos para ter ao menos o essencial para poder lecionar. Isso sem mencionar a falta de material didático, outro problema enfrentado pelos educadores é a falta de tempo para ler, pesquisar, pois a situação com a qual nos deparamos atualmente são profissionais que trabalham em mais de uma escola para complementar sua renda mensal. Esse fenômeno faz parte não apenas da

realidade dos educadores do campo, visto que está presente, também, no dia a dia dos professores da zona urbana.

Para Antunes (2003):

[...] Vale a pena deixar bem claro que, em nenhum momento, deixo de reconhecer a falta de uma política pública de valorização do trabalho do professor, reduzido, quase sempre à "tarefa de dar aulas", sem tempo para ler, para pesquisar, para estudar. (ANTUNES 2003, p. 17).

Essa falta de tempo dos profissionais da educação faz com que, muitas vezes, as aulas se tornem enfadonhas e desestimulem os alunos. Devemos enfatizar que isso tudo é culpa da falta de políticas públicas que sejam direcionadas à Educação e à valorização dos educadores, ou seja, melhores salários para que esses profissionais não precisem trabalhar em diversas escolas para complementarem sua renda e, portanto, possam ter tempo para realizar suas pesquisas e também fazer sua formação continuada, para que tenham formação adequada uma forma de melhorar suas aulas, tornando-as mais atrativas para seus alunos.

Outro ponto muito preocupante é a formação desses professores que, em sua grande maioria, têm apenas o pedagógico, ou só concluíram o Ensino Médio e está em sala de aula lecionando. Essa é uma triste realidade nas escolas do campo do nosso país. Essa falta de formação dos educadores é algo que nos faz refletir sobre o total desrespeito que há com a educação no Brasil. A tabela 1 faz um comparativo entre o nível de formação dos educadores da zona urbana e da zona rural.

*Tabela 1 – Comparativo: nível de formação dos professores*  
NÚMERO DE PROFESSORES POR FORMAÇÃO - ENSINO FUNDAMENTAL II  
E ENSINO MÉDIO

Zona	Número de professores com formação até nível médio	Número de professores com curso superior sem licenciatura	Total de professores sem formação mínima	% do total de professores
<b>Urbana</b>	100.237	21.158	121.395	14,8
<b>Rural</b>	91.380	3.993	95.373	49,9

Fonte: Censo Escolar 2010. Elaborado pelo Todos Pela Educação.

A tabela acima mostrou dados do Censo Escolar de 2010, sobre o nível de formação dos professores que atuam na zona urbana, na zona rural e há ainda aqueles que lecionam em ambas as zonas.

No entanto, apesar dos problemas com a formação, ainda encontramos bons exemplos de professores que, além de competentes, são comprometidos com o aprendizado dos seus alunos, e que, apesar da falta de formação continuada para lecionar, estão sempre buscando novos métodos e materiais, quando em muitas das vezes, são adquiridos com recursos financeiros próprios.

Um ponto que costuma causar grande divergência e dúvida entre os professores alfabetizadores está centrado nos métodos que são utilizados em sala de aula durante o processo de alfabetização.

Contudo, o que percebemos é que o educador não deve ficar limitado apenas a um método durante o processo de alfabetização de seus alunos. No Brasil, livros didáticos (cartilhas, pré-livros), foram utilizados durante muitos anos como um suposto método de alfabetização, pois o educador tinha que seguir à risca o que estava no manual do professor.

Foi assim que o professor tornou-se um simples executor das atividades propostas pelo autor do livro, quando, muitas vezes, o livro didático era confundido com um método de ensino. Isso é uma prática totalmente equivocada e, por inúmeras vezes, deixou as aulas muito mecânicas e diversas vezes tidas como chatas.

Diante disso, o educador precisa escolher não apenas um método para alfabetizar seus alunos, pois ele não pode ficar preso a modismos, ao hábito e nem tão pouco à tradição.

Nos quadros a seguir, descrevemos alguns exemplos de métodos que não só podem como devem fazer parte do dia a dia dos educadores, em uma sala de alunos que precisam ser alfabetizados.

## Palavração

Existem produções didáticas que apresentam poucas variações na aplicação das palavras, como destacar a palavra a partir de uma ilustração – boneca – bola- peteca etc. Em geral, supõe-se que as palavras façam parte do conhecimento vocabular dos alunos, entretanto uma característica comum na aplicação deste método é o treino e a memorização das palavras desligadas de seu sentido. E também se passa a idéia de que aprender a ler é ser capaz de ler palavras.

Um exemplo de palavração:

### **BONECA:**

Boca – boné – nenê – bobo – cabo - caneca

## Sentenciação

Os defensores desta metodologia criticam a palavração e apresentam seus argumentos de que a sentença faz sentido para os alunos do que a palavra solta. Entretanto, a crítica que se faz à sentencição é da mesma natureza feita à palavração, ou seja, as sentenças são apresentadas isoladamente, e a fragmentação em palavras ocorre separadamente, ainda que tenha na lição duas ou mais sentenças e palavras repetidas.

Um exemplo de sentencição:

Mimi é um gato.

Mimi anda e mia.

Mimi é um gato bonito.

Mimi faz miau miau.

### **Método alfabético**

Ainda que todos partam das letras do alfabeto, também existem variações nas suas técnicas de aplicação. As famosas Cartas de ABC trazem combinações de todas as letras, levando os aprendizes à exaustão não só na repetição da formação das lições, como também na memorização cansativa destas.

As primeiras lições apresentam o alfabeto e as combinações: ab,ac, ad, ...ba,ca,da, fa, ga,La...etc. Outros autores já apresentavam a junção das letras. O método é mais conhecido como método de soletração, em que os alunos soletravam e cantarolavam:

b...a= ba; n...a= na; n...a= na ba-na-na

### **Método fônico**

Como o próprio nome diz, esse método explora os sons das letras(fonemas) e sua representação na escrita. No Brasil, na década de 1980, foi produzida e utilizada em vários estados brasileiros uma cartilha representativa do método fônico:

Casinha Feliz, de autoria de Iracema Meireles e Eloisa Meireles.

Em geral, os autores apostavam nas ilustrações para que os alunos fizessem associações entre som inicial e a gravura.

Ex: faca – a letra f com o desenho da faca. Em depoimentos orais, professores consideravam artificial pronunciar os fonemas sem apoio da vogal. Isso ocorre porque, em nossa língua, nem todas as letras têm seu nome correspondente ao seu som e nem sempre há correlação entre som e letra.



### Método silábico

Os defensores deste método apontam-no com vantagens sobre os demais por ser considerado por muitos professores e gestores como um método de fácil aplicação.

Em geral, apresenta uma sequência gradual de “famílias silábicas” e dispensa orientação para o professor.

**Família BA:** ba – be – bi – bo – bu.

Formação de palavras: ba –ba; be-be; be-bi; bi-bi; bo-bo.

**Família do LA:** la- le- li- lo- lu.

Formação de palavras: la-la; le-le; le-lo; Li-li; Lo-la.

**Formação de palavras BA - Famílias ba-la:** bala; bola; bule; bula; bolo; bela; bole; loba; lobo...

As desvantagens apontadas na aplicação do método silábico são o excesso na memorização, além da escrita reduzida de palavras, muitas vezes desprovidas de sentido para os alunos.

### Contos e historietas

Assim como os demais, o método de contos apresenta variações nas produções de cartilhas ou pré-livros. Este último termo é mais aceito entre os defensores do método de contos. Há autores que constroem pequenas histórias – transformadas em lições – envolvendo os mesmos personagens em diferentes temas (Sarita). Outros fazem adaptações em lições de contos clássicos. (Os Três Porquinhos, de Lucia Casasanta).

A defesa dos autores e adeptos dos contos é de que este método dá sentido ao aprendiz.

O conto ou historietas devem ser atraentes, significativos e agradáveis ao público infantil. Nesse processo, também os alunos memorizavam as lições para, posteriormente, decompô-las em sentenças, palavras e sílabas. E as lições raramente ultrapassam de uma linha para outra, pois, segundo os autores, a continuidade de uma sentença em outra linha poderia trazer transtornos ao movimento dos olhos no retorno e comprometer a assimilação da leitura.

Entre os métodos citados acima, um dos que não foi muito utilizado embora devesse ter sido, foi o Método de Palavração, introduzido no Brasil nos anos de 1880, através do uso da Cartilha Maternal de João de Deus, porque se acreditava que a realidade psicológica da criança, tornaria o processo de aprendizagem mais significativo no caso do Método de Palavração, um exemplo do uso desse método, são “As Palavras Geradoras” de Paulo Freire. Onde é necessário apresentar a palavra escrita, para que só depois a criança possa perceber o valor sonoro de sílabas e grafemas.

[...]É fictícia a soletração, em que se reúnem nomes absurdos exigindo em seguida valores; transitória a silabação, em que se reúnem sílabas, isoladas, para depois ler a palavra; definitiva a palavração, em que se lê desde logo a palavra[...]. Como aprendemos a falar? Falando palavras; como aprendemos a ler? É claro que lendo essas mesmas palavras”. (Silva jardim 1884, apud Mortatti, 2000, p. 48).

No caso das “Palavras Geradoras” de Paulo Freire, busca trabalhar com palavras que fazem parte do contexto ao qual estão inseridos esses educandos, possibilitando com isso, um melhor aprendizado no processo de alfabetização.

[...] Os mecanismos da linguagem escrita eram estudados por meio do progressivo desdobramento das “palavras geradoras” em sílabas e, quando fosse necessário, em vogais que, reunidas depois, pelos próprios educandos, em novas associações, possibilitavam a formação de novas palavras. (FREIRE ,p.49).

Apesar da ênfase no método da palavração, faz-se necessário não esquecer que, no processo de alfabetização ocorre uma técnica de decifração/decodificação e que este processo está inserido em um conjunto de processos biológicos, psicológicos e também sociais. Sendo que, no processo de alfabetização, tanto a leitura quanto a escrita são atividades consideradas interativas, pois ambas necessitam da participação de dois ou mais indivíduos para ocorrer.

Segundo Antunes (2003):

[...] A atividade de escrita é, então, uma atividade interativa de expressão, (ex-, “para fora”). de manifestação verbal das ideias, informações, intenções, crenças ou de sentimentos que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo, interagir com ele. Ter o

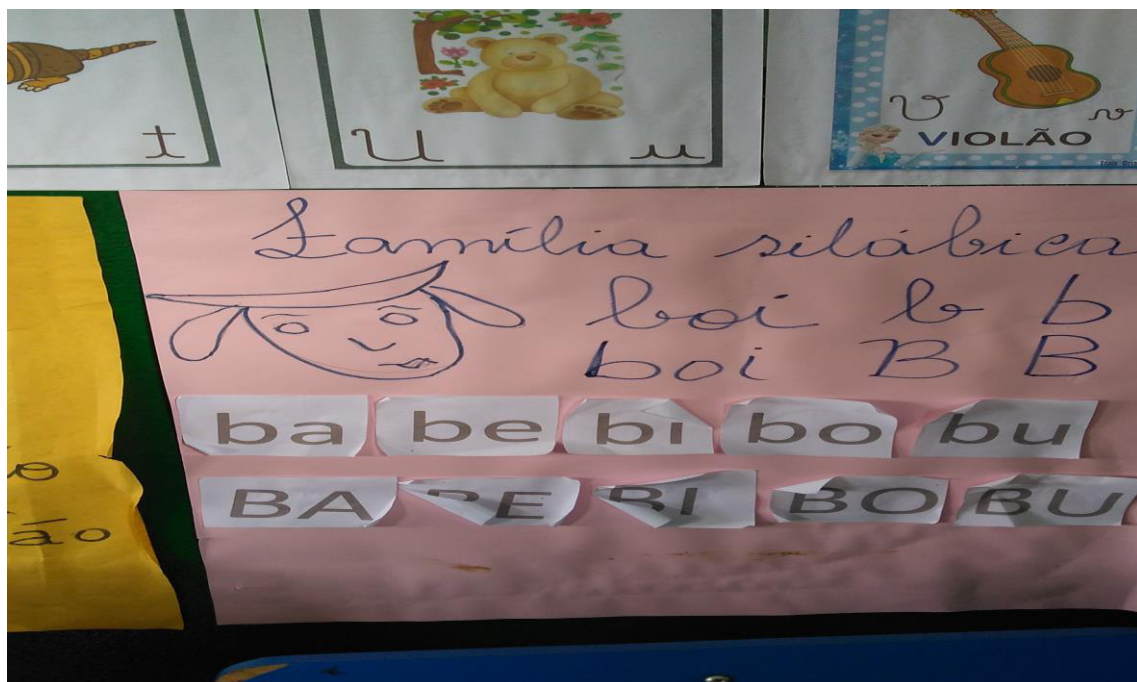
que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. (ANTUNES 2003, p.45).

No caso da escrita, quando escrevemos algo para alguém, estamos fazendo com que aconteça uma troca. Por isso, essa atividade é denominada como uma atividade de interação.

Numa sala de alfabetização, multisseriada ou não, as crianças devem ser alfabetizadas considerando-se o uso de textos, visto que a maioria das atividades devem ter como base um texto, ou seja, as crianças precisam ter como exemplo algo mais concreto, precisam ter uma visão mais ampla do que está sendo trabalhado.

Um material didático que deve estar na sala de aula é o alfabeto, fixado na parede e também móvel, pois esse recurso tem que estar ao alcance dos olhos dos alunos, ou seja, possibilita às crianças a assimilação de cada letra ao fonema.

Figura 3 – Cartaz com Família silábica



Fonte: A pesquisadora.

Nas paredes da sala de aula da Escola João Lins Vieira, adotou o Método Silábico, e além do alfabeto com as variações na forma como podem ser escritas as letras do alfabeto, além disso, é ilustrado com figuras referentes a cada letra, e ainda temos cartazes com as famílias silábicas, o que também é importante nesse processo de

alfabetizar as crianças, mas deixando sempre bem claro o quanto é importante o uso de textos nas atividades realizadas com os alunos.

É importante que o educador tenha sempre em mente que, ao apresentar apenas as letras do alfabeto de uma forma solta, sem ter um texto como ponto de partida, é algo totalmente inadequado, pois as letras em si são extremamente abstratas para o aprendizado das crianças.

Decroly (1871- 1932), mostra que o processo de aprendizagem das crianças ocorre mediante três operações intelectuais que são: a) observação; b) associação de ideias; c) Expressão.

- Observação: "Seria a primeira operação intelectual; por meio dela, a criança se tornaria curiosa para conhecer, aprender o fato ou o objeto observado. Segundo este autor, exercícios como passeios, excursões teriam como objetivo desenvolver nos alunos o "espírito de observação" de objetos, de seres, de fenômenos e a indagarem as causas e a buscarem as consequências".
- Associação de ideias: " A criança generalizaria, para outros fatos análogos, a noção/conhecimento que percebeu/aprendeu estendendo o conhecimento ao meio que vive. Trata-se de associar os conhecimentos adquiridos pela observação a outros adquiridos anteriormente.
- Expressão: "Momento onde a criança fixaria/expressaria no papel o conhecimento adquirido/formado em seu cérebro. A criança não deveria apenas reproduzir, mas também interpretar o fato/a lição.

Por isso, é imprescindível o uso de textos pelos educadores, para alfabetizar nossas crianças, pois os textos darão a ideia do todo, ou seja, serão um exemplo concreto para as crianças, melhor assimilarem e, conseqüentemente, melhor compreenderem as ideias do texto, dos sentidos que são veiculados.

A criança adquire a fala e a escrita através de um meio que seja motivador, porque ela necessita de situações que possam ser utilizadas em seu dia a dia. Isso, porque o processo de alfabetização dessa criança sofre a influência de diversos fatores que vão além dos possíveis problemas encontrados em uma sala de aula.

De acordo com Frank Smith (1989):

[...]Tudo que as crianças precisam para dominar a linguagem falada, tanto para produzi-las por si mesmas quanto, mais fundamentalmente, para compreenderem sua utilização pelos outros, é ter a experiência de usar a linguagem em um ambiente significativo. As crianças aprendem facilmente sobre a linguagem, quando estão envolvidas em sua utilização, quando esta lhes faz sentido. E, da mesma forma, tentarão compreender a linguagem escrita se estiverem envolvidas em sua utilização, em situações onde esta lhes faz sentido e onde podem gerar e testar hipóteses. (SMITH1989, p.237).

A criança necessita de um ambiente favorável, para que ela tenha a possibilidade de testar e também de construir diversas hipóteses, ou seja, esse processo precisa que ela tenha oportunidades de ouvir e de falar com outras pessoas e, com isso, tornar o processo de aquisição de leitura e escrita tão natural quanto à fala.

Segundo, Spolsky, Engelbrecht e Ortiz (1983) e Braggio (1986), o processo de alfabetização vem de uma proposta sociolinguística, pois está ligado a fatores que vão além do espaço físico das escolas, ou seja, tem toda uma questão social do em torno. É uma questão de cunho social e os problemas relacionados à comunidade onde essas crianças estão inseridas têm grande influência nesse processo de alfabetização. Portanto, são vários os fatores que acabam por atrapalhar os estudantes em sua vida escolar e que, na maioria das vezes, ocorrem fora da escola e prejudicam bastante essas crianças e jovens.

[...]É muito mais do que a habilidade técnica ou um conjunto de comportamentos isolados que podem ser considerados independentemente do contexto social no qual ocorre. Para nós é um fenômeno multidimensional complexo. (SPOLSKY, ENGELBRECHT e ORTIZ, 1983, *apud* BRAGGIO, 1986, p.40).

O processo de alfabetização não ocorre de forma isolada, ou seja, não depende apenas das habilidades pré-existentes que cada indivíduo traz consigo, ele necessita de estímulos que vão além dos conhecimentos adquiridos na escola, porque, muitas vezes, não há estímulos para que as crianças aprendam tanto em sala de aula, quanto, em seu convívio familiar.

A pesquisadora Rego (1995b: p.59) explica sobre o desenvolvimento das crianças quanto à compreensão e produção de textos:

[...]É possível que a ausência de atividades que estimulem diretamente a decodificação possa transformar o desenvolvimento dessa habilidade em um processo lento e mais dependente de conhecimentos prévios da criança, e que, por outro lado, a ênfase exclusiva nessa habilidade resulte em prejuízos do ponto de vista do desenvolvimento da compreensão. (REGO 1995, p.59).

Percebemos, com isso, o quanto é imprescindível estimular as crianças para o hábito de leitura, não apenas com textos soltos, isolados, mas também com o uso de obras da Literatura Infantil, pois estes contribuem para o processo de construção do conhecimento das nossas crianças, possibilitando, com isso, um aprendizado mais significativo e que não deixa de ser lúdico, porque trabalha o processo de alfabetização com assuntos do universo infantil e, conseqüentemente, as crianças terão êxito, e os professores obterão excelentes resultados no processo de alfabetização de seus alunos.

Na visão de Soares (2001, p.13)

[...] A prática da leitura literária não só possibilita às crianças uma alternativa de lazer e prazer, mas também torna o mundo e a vida compreensíveis para elas, além de permitir o desenvolvimento de habilidades de compreensão, interpretação e construção de sentido de textos. (SOARES 2001, P.13).

Na grande maioria das escolas do campo, nem sempre temos um ambiente favorável para a leitura, visto que, além do incentivo e do exemplo por parte dos professores e dos pais, são necessárias salas com iluminação funcional, mobiliário e organização da sala adequados, espaços amplos, e diversidade de títulos bibliográficos etc. A figura 4 mostra a estante onde fica os livros de Literatura infantil que são utilizados pelas crianças.

Figura 4 - A estante de livros da biblioteca



Fonte: A pesquisadora.

Apesar da falta de organização encontrada na biblioteca da Escola, percebemos que há uma quantidade significativa de livros em comparação com outras Escolas do Campo, para que as crianças possam receber um estímulo por parte dos professores e dos seus pais, e isso é algo maravilhoso para o seu aprendizado, porque nossos pequenos têm o costume de imitar os adultos com os quais convivem. Com isso, a importância de ler para/com as crianças.

Essa questão da participação dos pais durante o processo de alfabetização de seus filhos é algo muito complexo para os pais das crianças moradoras da zona rural, porque temos consciência de que a grande maioria não é alfabetizada, em virtude de muitos deles terem tido necessidade de abandonar os estudos para ajudar a família. Assim como, já sabemos que, ainda no início do processo de aquisição de escrita, as crianças fazem desenhos que representam as letras chamadas de garatujas.

## 5 PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO

No dia 17 de maio de 2017, foi realizada a primeira visita na Escola João Lins Vieira, a qual está localizada no município de São Miguel de Taipu- PB, localizada em Fazenda Riachão do Corredor, na zona rural. Lá fui bem recebida por todos os funcionários que estavam presentes.

Nesse dia, comecei a conhecer um pouco a realidade de uma sala de aula multisseriada de uma escola que está inserida em um contexto totalmente diferente ao qual estou habituada. Trata-se de uma realidade sobre a qual não temos a noção de como é complicado trabalhar com essas crianças, em um ambiente que, na maioria das vezes, não possui a menor condição, pela falta de um mobiliário adequado, em condições de uso, além de material didático para trabalhar com os alunos.

No dia dessa visita, a professora da sala multisseriada, Gilda Domingos Azevedo Melo, fez o seguinte relato:

“Sou formada em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA) e estou trabalhando pela primeira vez com uma turma multisseriada, e está sendo um grande desafio, pois tenho vinte alunos sendo nove do 3º ano e onze do 4º ano e a sala tem dois alunos especiais. Sendo que, desses alunos, dois têm laudo, uma menina com Síndrome de Down, a qual tem cuidadora para auxiliar em suas atividades em sala; e outra criança que é um menino autista. Ambos frequentam a Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (FUNAD).

Desses vinte alunos, cinco são os que mais têm dificuldades tanto na leitura quanto na escrita, apesar de terem melhorado bastante no decorrer do ano.

As atividades são pouco diferenciadas, mas estou conseguindo êxito na aprendizagem deles, principalmente na escrita.

Trabalho há treze anos e me deparei com esta situação, mas creio que será de grande proveito para minha formação profissional. Sou concursada há oito anos no município de Pilar e estou lecionando na Escola João Lins Vieira, para completar a minha carga horária semanal”.



A professora que fez esse relato, titular da sala, utiliza textos para trabalhar com seus alunos durante o processo de alfabetização. É uma educadora muito criativa no dia a dia com seus alunos e também esforçada. Em seu relato afirmou que muitas vezes, as cópias dos textos utilizados em sala com as crianças e pagos por ela com seus recursos próprios, ou seja, ela não costuma utilizar apenas os textos do livro didático dos alunos.

No dia 18 de outubro de 2017, foi realizada mais uma visita na Escola João Lins Vieira. Nesta ocasião visitamos a biblioteca, e tive a oportunidade de conversar um pouco com a estagiária do Programa Mais Educação e conhecer um pouco mais sobre o dia a dia dos alunos dessa escola e também ver como esse projeto é trabalhado com os alunos do campo. A figura 5 mostra a decoração de uma das paredes da biblioteca.

Figura 5 - A frase de incentivo à leitura na parede da biblioteca



Fonte: A pesquisadora.

Segundo o MEC, O Programa Mais Educação foi criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, como uma estratégia do Ministério da Educação. Por isso, O Mais Educação foi criado no intuito de ampliar a carga horária das crianças na escola, ou seja, uma educação integral, na qual os alunos têm uma variedade de atividades para serem realizadas no turno oposto ao que estudam.

A escola participa do Programa Mais Educação, onde são realizadas oficinas com as crianças no turno contrário ao que elas estudam durante quatro dias da semana, na seguinte ordem: a) segunda-feira, as crianças participam da oficina de Arte, onde realizam pinturas e outros trabalhos; b) na terça-feira, oficinas de Matemática, quando as crianças têm a oportunidade aprender a saber-fazer suas atividades de casa dessa disciplina; c) na quarta-feira, oficinas de Português, com a função de dar reforço aos conteúdos que são vistos em sala de aula; e d) na quinta-feira, oficina de esporte/lazer.

Mesmo, diante dessas atividades do Mais Educação disponíveis para os alunos terem essa oportunidade de um reforço nessas disciplinas, poucos vêm para a escola no turno oposto ao que estudam e os que frequentam as oficinas de Português e Matemática demonstram pouco interesse em aprender os conteúdos, visto que não costumam trazer suas atividades de casa para fazer no momento das oficinas com o auxílio daicineira do Mais Educação.

A estagiária que é responsável pelas oficinas de Português e de Matemática não possui formação adequada para ministrar essas oficinas, pois ela está cursando o técnico em enfermagem. Essa formação é inadequada, o que pode ser um grande obstáculo na realização das atividades referentes às oficinas dessas disciplinas, e que ocasiona uma falta de motivação e, conseqüentemente, o desinteresse dos alunos.

Essas oficinas de Português, e de Matemática e de Artes são realizadas na biblioteca, a qual tem uma estrutura precária. O mobiliário está danificado, e, além disso, o espaço é muito pequeno e mal iluminado. Tendo isso torna o ambiente nada favorável para o aprendizado dos alunos. A quantidade de livros disponíveis nessa biblioteca é restrita, apesar de os livros estarem em boas condições de uso.

No dia 27 de outubro de 2017, realizei mais uma visita à Escola João Lins Vieira. Encontrei a escola fechada e não tinha ninguém para informar o porquê de estar fechada. Retornei para João Pessoa sem conseguir falar com a professora da sala multisseriada. Só conseguir falar com a professora na segunda – feira, dia 30 de outubro de 2017, quando fiquei sabendo que a Escola não funcionou naquele dia, devido a um acordo entre os funcionários da Escola João Lins Vieira e a prefeitura do município de São Miguel de Taipu, porque eles haviam trabalhado em um feriado.

Finalmente, no dia 31 de outubro de 2017, pude realizar minha intervenção na Escola João Lins Vieira. Ao chegar à sala de aula, fui muito bem recebida pela professora da turma e também pelas crianças.

Quando cheguei, a professora estava finalizando uma atividade com seus alunos. Eles terminaram essa atividade e, logo, em seguida, ouvi um toque, a hora do lanche das crianças. As crianças saíram da sala e foram pegar o lanche. Algumas delas retornaram à sala de aula, pois estavam muito curiosas para saber coisas ao meu respeito: Onde eu morava?, Quem eu era? , O que ia fazer na sala de aula? Perguntei o nome das crianças que estavam ali lanchando e elas também perguntaram o meu nome e continuei conversando com elas. Eram cerca de oito alunos entre meninas e meninos. Eles me falaram que, além de estudarem juntos, a maioria deles são vizinhos e moram no Sítio Engenho Corredor, este tem esse nome, pois fica ao redor do Engenho que está localizado na cidade vizinha Pilar, onde nasceu o ilustre escritor paraibano José Lins do Rego. Essa localidade, segundo eles, fica muito distante da Escola João Lins Vieira.

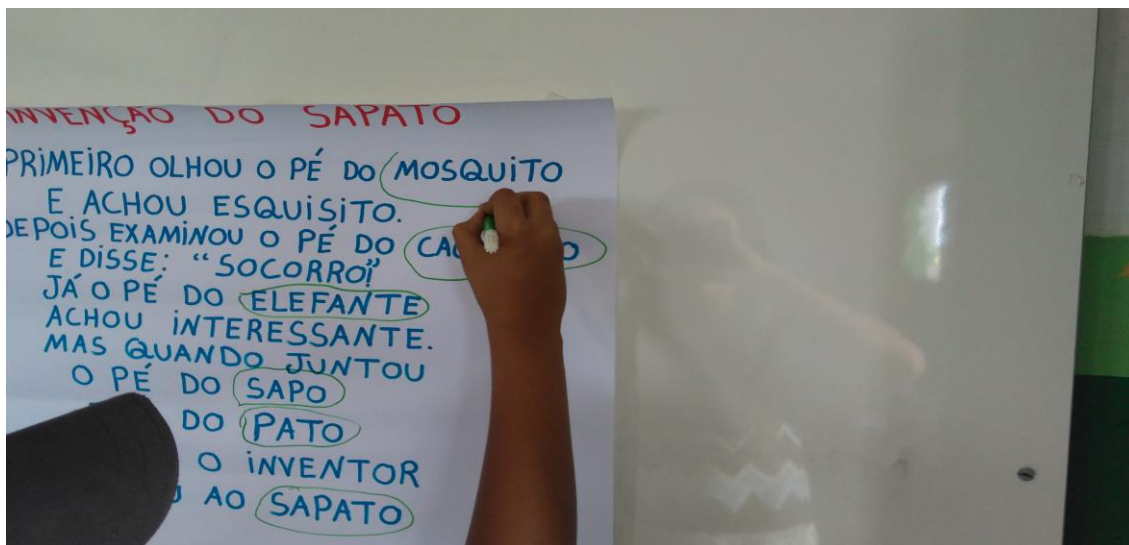
Com o auxílio da professora titular da sala, tive a oportunidade de, junto com as crianças, executamos algumas atividades relacionadas com o processo de alfabetização dos alunos de uma sala multisseriada.

O recreio deles acabou por volta das 10:00 horas da manhã e quando todos voltaram pra sala, apresentei-me à turma e disse que ia realizar duas atividades com eles e que precisava da atenção de todos. E eles ficaram bem atentos a tudo que era falado. A primeira atividade tinha como base o texto: "A Invenção do Sapato" de Ricardo Silvestrin, Fonte: É tudo invenção. O texto tinha um tom de humor, pois terminava com palavras que rimam e que as crianças amaram, e também fiquei muito surpresa e feliz, porque a maioria dos alunos conseguiu realizar a atividade sem nenhum auxílio da professora titular e nem o meu, apenas algumas necessitaram de uma atenção maior.

Na figura abaixo, poderemos observar a utilização de um texto que está escrito em uma cartolina em letra bastão. Através dessa atividade, podemos ver o quanto as crianças estavam interessadas em participar das atividades que foram propostas a elas e o como ficaram atentas às respostas. Todos os alunos queriam ir ao quadro e circular as palavras encontradas no texto. Os alunos também tinham que escrever palavras referentes ao texto de acordo com as figuras contidas na atividade.

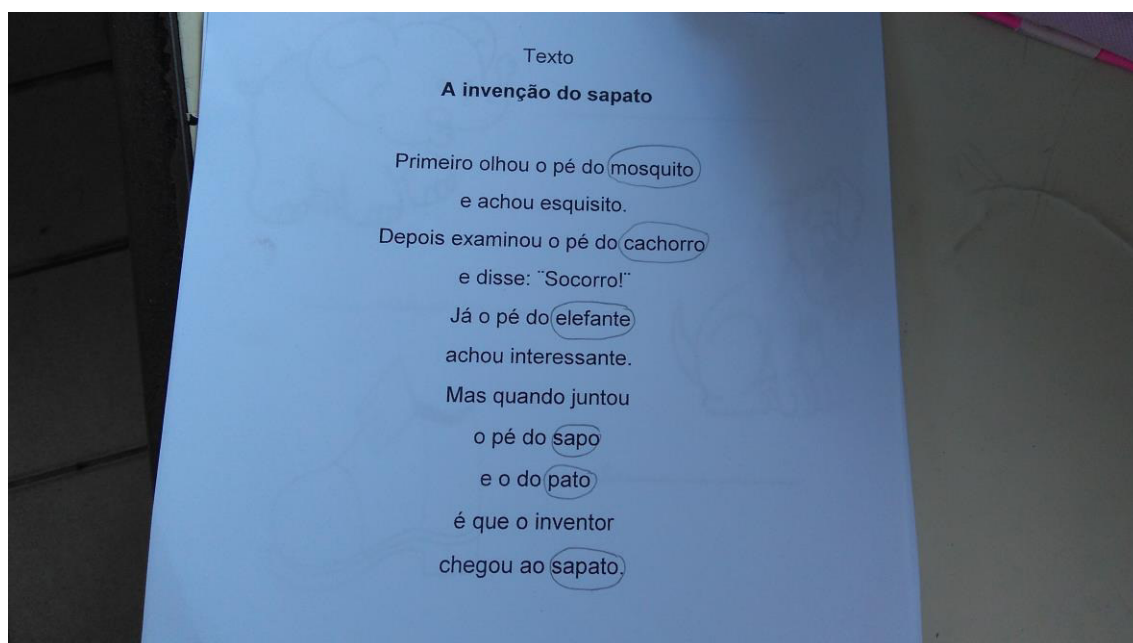
Algumas crianças sentiram um pouco de dificuldade na execução dessa atividade, sendo algo totalmente esperado, pois essa variação no processo de aprendizagem é algo que costuma ocorrer nas salas seriadas também, pois as crianças têm ritmos distintos, independentemente do modelo de sala de aula no qual estão inseridas.

Figura 6 - Criança circulando a palavra do texto na cartolina



Fonte: A pesquisadora.

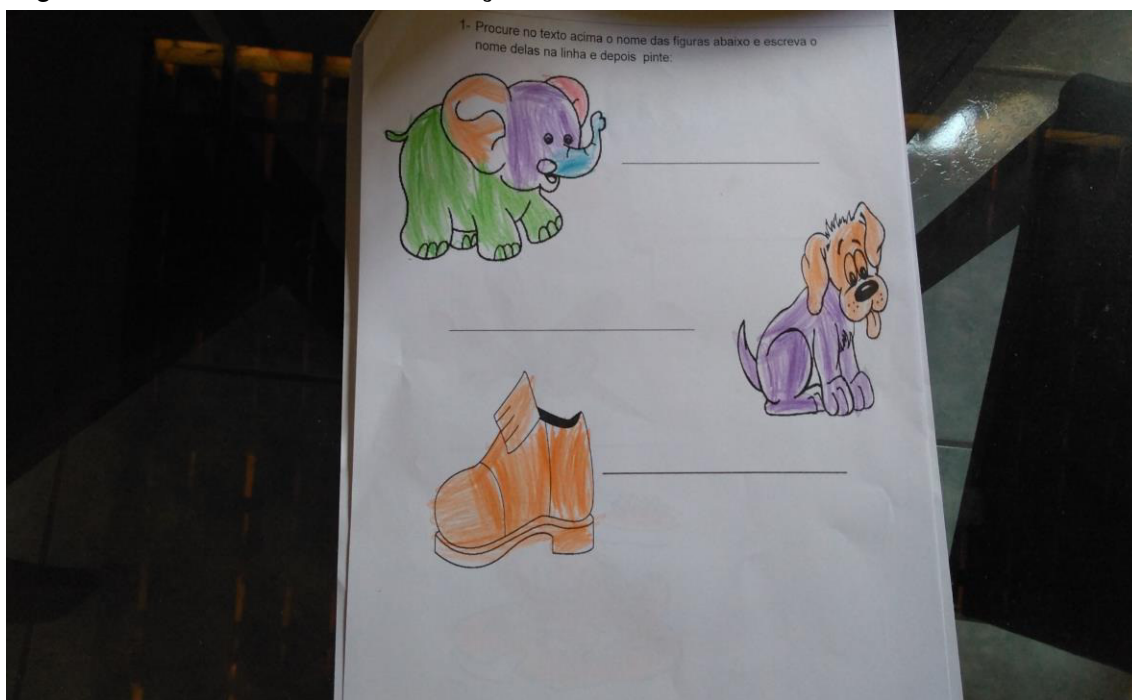
Figura 7 - Palavras circuladas no texto "A Invenção do Sapato"



Fonte: A pesquisadora.

As figuras acima mostram o texto em uma folha de papel ofício, onde está registrada a atividade que foi trabalhada com os alunos da turma multisseriada. As crianças gostaram muito do texto trabalhado, pois eles perceberam a existência de palavras que rimavam e logo começaram a circular essas palavras.

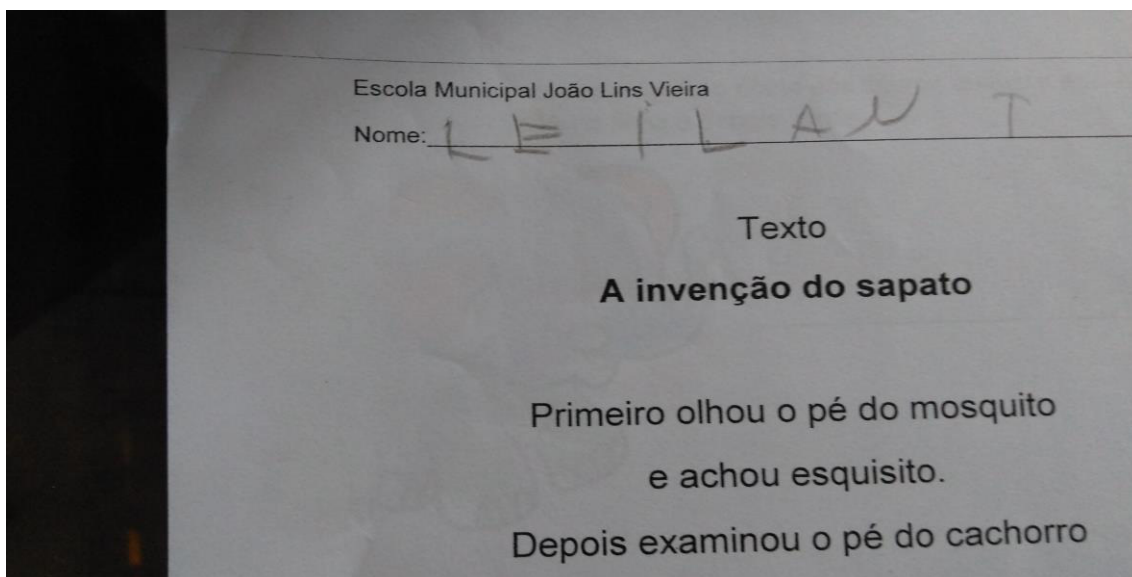
Figura 8 - Atividade de uma criança no nível Pré – Silábico



Fonte: A pesquisadora

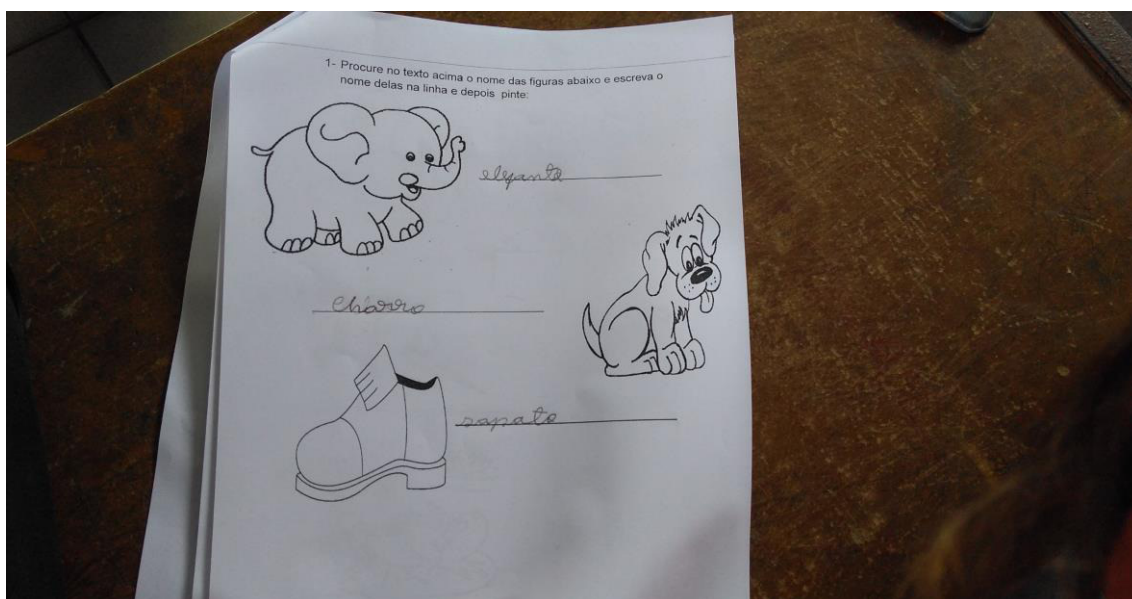
As figuras número 8 e 9, mostram a atividade de uma criança que se encontra no nível pré-silábico, pois a criança não costuma fazer a relação entre a escrita e a pronúncia das palavras e geralmente a representa através de rabiscos e desenhos, ou seja, pela ausência de palavras, porém, essa criança começou a escrever o seu nome sozinho em letra bastão.

Figura 9 - A escrita do nome



Fonte: A pesquisadora.

Figura 10 - Atividade de uma criança no nível Silábico

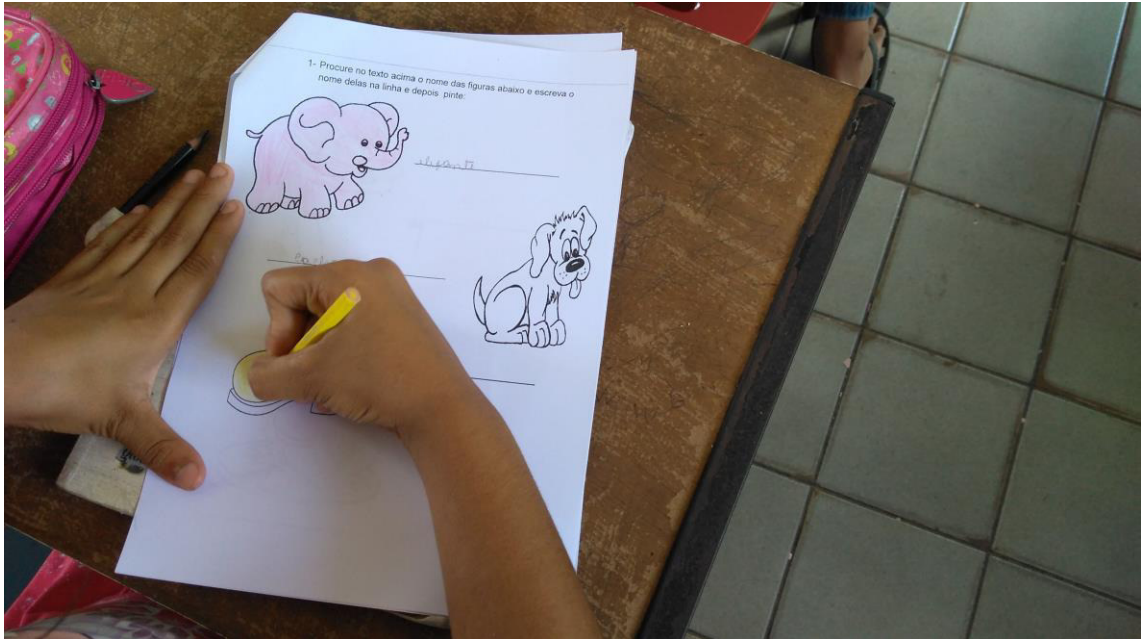


Fonte: A pesquisadora.

A figura número 10, mostra a atividade de uma criança que se encontra no nível silábico, pois ocorre a omissão de determinadas letras durante o processo de construção das palavras, pois ela tem certa dificuldade em expressar sua escrita.



Figura 11 - Atividade de uma criança no nível Alfabético



Fonte: A pesquisadora.

A figura número 11, mostra a atividade de uma criança que se encontra no nível alfabético, porque ela já faz uma correspondência entre fonemas (sons) e grafemas (letras). Essa criança já consegue ler e escrever sozinha, ou seja, expressa graficamente e com bastante clareza o que está pensando ou falando.

Enquanto as crianças estavam realizando essa atividade que teve como base um texto, fui observando suas dificuldades, e também os conhecimentos que cada uma delas trouxe consigo para a sala de aula naquela manhã, e fiquei muito satisfeita com os resultados dessa primeira atividade, porque os alunos estavam bastante interessados e animados.

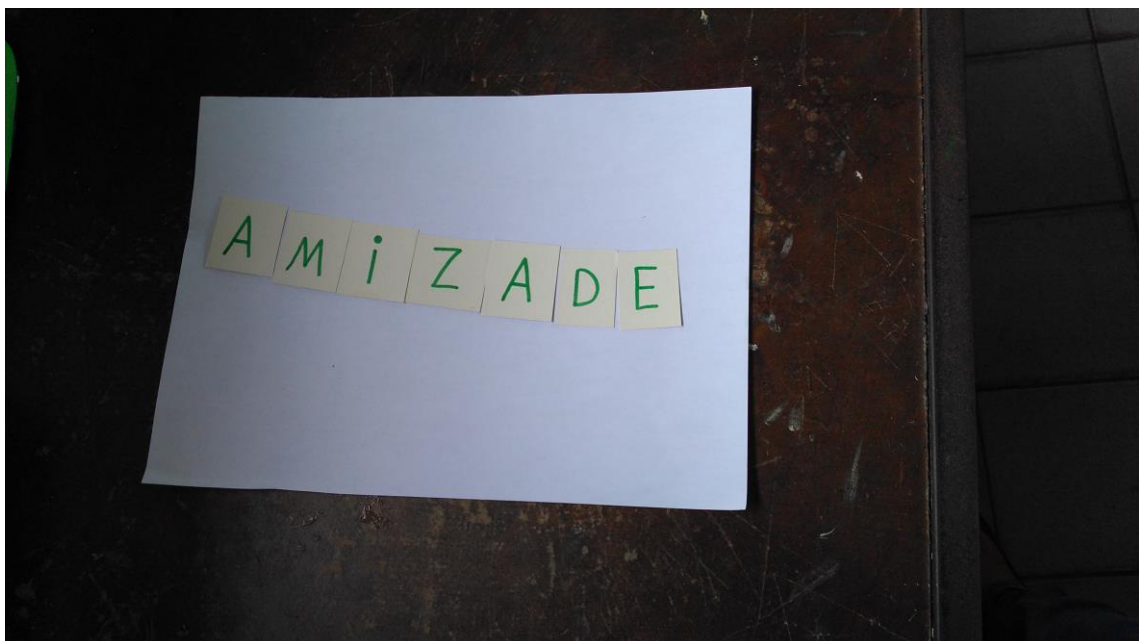
Nesse dia, portanto, trabalhei uma sequência didática, com atividades referentes ao processo de alfabetização, com as crianças numa sala multisseriada em uma escola do campo o que foi muito gratificante pra mim, no lado profissional e, principalmente, no lado pessoal, devido à realidade dessas crianças ser tão diferente da nossa realidade.

A outra atividade foi a "Barraquinha da Paz", onde pedi para elas formarem duplas com o auxílio da professora da turma e logo depois comecei a discutir com as crianças, Qual o significado da paz na nossa vida?. E logo elas começaram a falar diversas palavras que são referentes à paz como: Amor, felicidade, alegria, amizade,

vida e etc. E fui escrevendo essas palavras no quadro e em seguida fui distribuir folhas de papel ofício; depois pedi para elas, de maneira aleatória, escolher um envelope por dupla onde tinha uma palavra para elas montarem com o auxílio do alfabeto móvel, e logo em seguida colarem na folha de papel ofício.

Conforme elas montavam e colavam a palavra em dupla, tive a chance de observar como os alunos realizam essa atividade e também a troca de conhecimentos entre eles. Foi maravilhoso tudo o que foi vivenciado, nessa sala, com essa turma.

Figura 12 - A construção das palavras da "Barraquinha da Paz"



Fonte: A pesquisadora.

A figura número 12, mostra a palavra que a criança conseguiu montar com o seu colega de dupla, para logo depois, iniciamos a montagem da "Barraquinha da paz", e trabalhar com elas a importância desse tema na nossa atualidade. Para o processo de construção da escrita, da composição das palavras, utilizamos o alfabeto móvel.

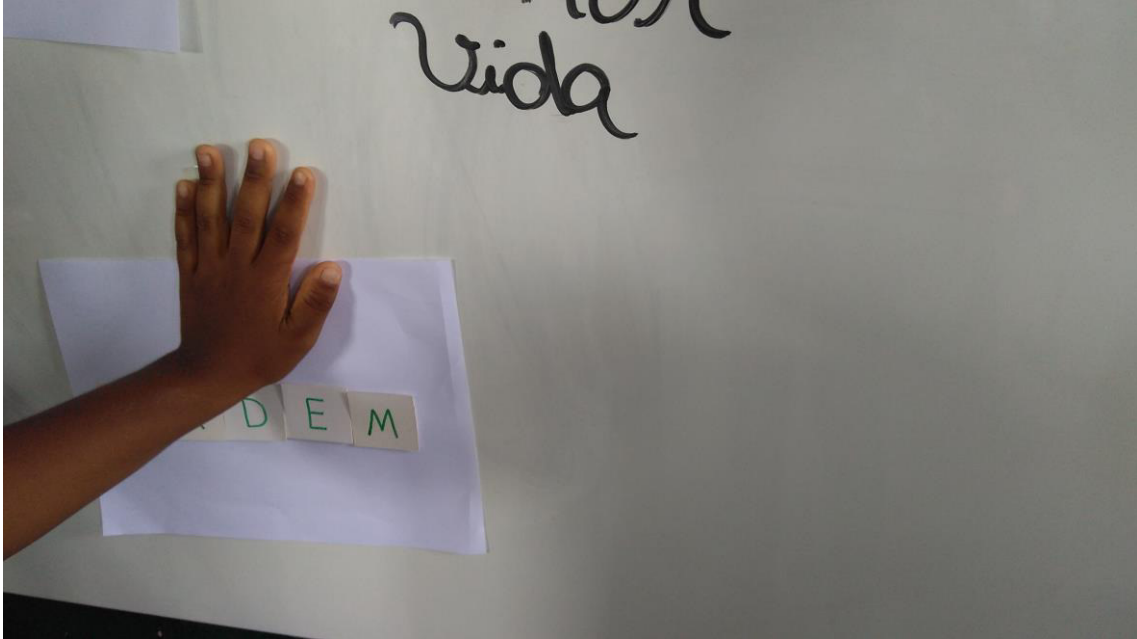
Logo depois, as crianças foram colocar as palavras que elas construíram no quadro, fixando-as com durex. Na figura número 12 podemos observar a construção dessa atividade em sala junto com os alunos.

Ao final, tínhamos dez palavras no total, porque nessa sala têm vinte alunos que estão distribuídos nas séries de 3º e 4º, e eles gostaram da atividade, principalmente,



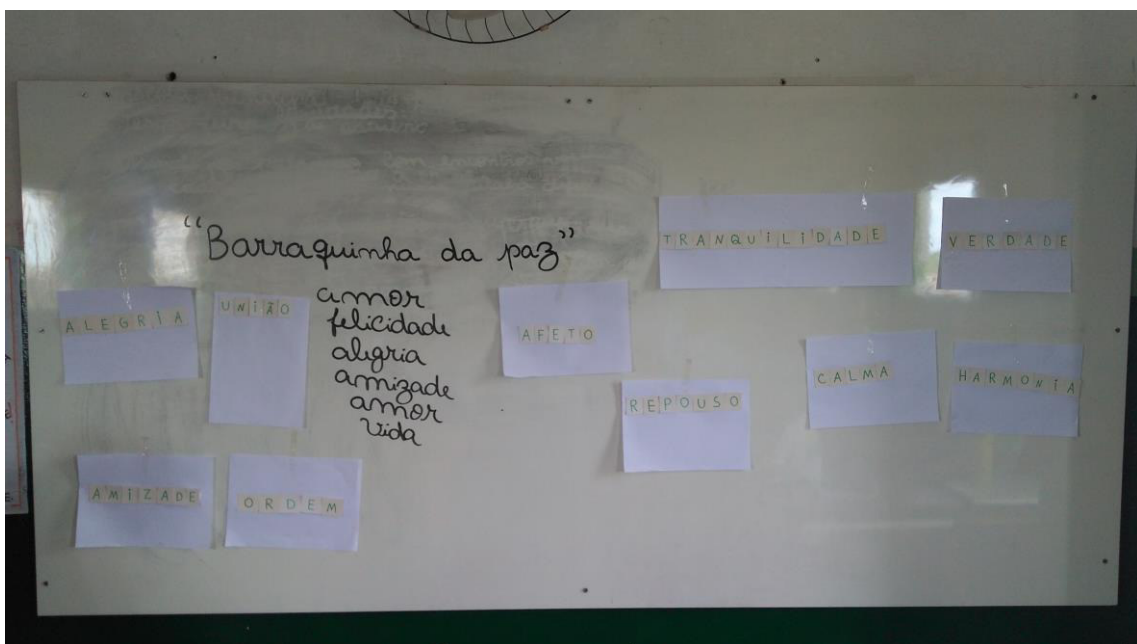
porque estavam ajudando e participando da sua construção e isso foi muito gratificante pra mim.

Figura 13 - Criança fixando a palavra no quadro branco



Fonte: A pesquisadora.

Figura 14 - A atividade da "Barraquinha da Paz" finalizada



Fonte: A pesquisadora.

Portanto, logo depois da construção da atividade "Barraquinha da Paz", entreguei a cada criança um livro paradidático como forma de agradecer a participação e o empenho delas na realização dessas atividades, e também uma maneira de estimular a leitura, esperando que isso se torne uma rotina em suas vidas. Depois, fui me despedir de cada criança que estava presente, e também fiz um agradecimento à professora da sala por ter me cedido um pouco do tempo com sua turma.

Figura 15 - Entrega dos livros paradidáticos às crianças



Fonte: A pesquisadora.

A figura acima mostra o momento de entrega dos livros paradidáticos para as crianças, onde todas elas ganharam um livrinho não apenas como um brinde, mas como um estímulo para que elas possam criar o hábito de ler, porque saí de lá com a certeza de ter plantando algo de bom em cada uma daquelas crianças.

## 5.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Com as pesquisas bibliográficas e com as visitas realizadas à Escola João Lins Vieira o que percebemos é que o processo de alfabetização dos alunos dessa escola

está sendo realizado de maneira adequada, porque a educadora costuma utilizar textos como base das atividades realizadas com as crianças da turma multisseriada de 3º e 4º ano.

Contudo, apesar das dificuldades encontradas nessa escola, o que não é uma novidade quando falamos em educação do campo, pois falta um investimento financeiro nessas escolas, mas mesmo assim a educadora dessa turma conseguiu excelentes resultados com seus alunos, porque a maioria deles escreve com letra cursiva e está lendo.

Durante essas visitas, a professora titular da sala de aula multisseriada realizou atividades em grupos, em dupla, pois nesse modelo de organização costuma prevalecer uma heterogeneidade muito grande, mas a educadora trabalha de uma maneira para que isso não seja um empecilho e sim uma forma de unir cada vez mais os seus alunos porque, trabalhando dessa forma, ela faz com que os alunos que não têm dificuldade na escrita e leitura, possam ajudar um pouco mais, trocando conhecimentos entre elas, o que é muito significativo para as crianças nesse processo de alfabetização.

Portanto, o trabalho realizado pela educadora titular da turma, está obtendo excelentes resultados com as crianças, tanto na escrita quanto na leitura, pois a maioria da turma respondeu muito bem as atividades da sequência didática que foi feita com elas no dia 31 de outubro. Com exceção de cinco crianças que têm um pouco mais de dificuldades e entre esses alunos está uma menina com Síndrome de Down que têm laudo e uma cuidadora.

No dia 31 de outubro, quando realizei a intervenção com a turma, a cuidadora não estava presente. O outro caso é o de um menino autista que também tem laudo, porém não tem cuidadora, o que torna o aprendizado dele muito complicado, pois ele é uma criança muito tímida. Além disso, existem outras três crianças com dificuldades de leitura e escrita.

Durante a realização dessas atividades da sequência didática, fui vendo quais eram os níveis de alfabetização de cada criança, porque na turma há alunos nos mais variados níveis, sendo que o nível alfabético é o que prevalece, pois a maioria das crianças está lendo e escrevendo perfeitamente.

No entanto, ainda existem alunos na turma que ainda têm dificuldades na leitura e na escrita, mas isso é algo totalmente esperado, pois nenhuma sala de aula é

homogênea e devemos sempre olhamos para essa questão não como um problema e sim apenas como um obstáculo a ser superado por todos que fazem parte da sociedade, porque nossas crianças necessitam de estímulos para, assim, poderem criar o hábito de ler e de escrever e compete aos adultos que fazem parte do seu dia a dia poder incentivá-los.

De acordo com Braggio (1986b), ao incentivar as crianças a “escreverem como sabem”, no início do processo de aquisição da escrita, elas desenvolvem os princípios linguísticos, ou seja, elas internalizam a forma de organização da linguagem escrita em relação ao seu significado na cultura.

Portanto, durante a realização da atividade baseada no texto “A Invenção do Sapato” de Ricardo Silvestrin, Fonte: É tudo invenção, as crianças fizeram uma escrita espontânea das palavras, e isso foi muito importante para ter uma visão de como elas estão sendo alfabetizadas, pois em momento algum houve interferência de minha parte na construção dessas palavras, por isso a importância da utilização de textos no processo de alfabetização das crianças. Segundo Braggio (1986b), ao não serem interrompidas e corrigidas quando leem e escrevem, elas se utilizam amplamente dos processos e estratégias que todo evento de leitura/escrita requer.

É importante que as crianças, possam acreditar na sua capacidade de superar essas barreiras que são encontradas por elas durante o processo de alfabetização. A figura do educador nesse momento é de alguém que vai além do simples ato de mostrar palavras, frases e textos. Essa atitude de incentivar nossos pequenos é algo tão valioso, pois o professor tem o poder de estimular esse hábito com atitudes positivas no cotidiano das crianças.

De acordo com Braggio (1986b), basta atentar para o interesse e prazer das crianças em aprender a ler e escrever, para se afirmar que, de fato, embora a escola não vá, ela sozinha, mudar o status quo daquelas crianças e suas famílias, ela tem o papel crucial a desempenhar. Ali, não se lê decodificando, não são realizados ditados nem cópias aleatórias, nem se dá ênfase explícita à gramática .

Portanto, a escola tem um papel muito importante na vida dos alunos e a família e também todos que convivem com essas crianças durante esse processo de alfabetização ao qual estão vivenciando são responsáveis, pois as crianças necessitam de bons exemplos em suas vidas.

## 6 CONCLUSÕES

Concluimos que, apesar das dificuldades encontradas em uma sala multisseriada de uma escola do campo, há diversas possibilidades de ajudar a vencer esses obstáculos e que os professores encontram, no seu dia a dia, durante o processo de alfabetização, formas didático-pedagógicas de interagir com seus alunos, para conseguir avançar no processo de alfabetização de cada um deles.

Todavia, devemos entender que a utilização de diferentes métodos não deve ser a única alternativa a ser utilizada com os nossos alunos porque cabe ao educador usar de toda sua criatividade. Mesmo que a escola não disponha de certos materiais, é possível criar aulas mais atrativas para os nossos pequenos que são tão carentes de atenção e de estímulos.

As crianças necessitam de um algo a mais para conseguir aprender a ler e a escrever, por isso, a professora quando assume uma turma que, além de ser multisseriada, os alunos precisam ser alfabetizados, a educadora tem a função de desenvolver esse processo que, embora bastante complexo, não é algo impossível de ser realizado, apesar dos problemas que vão desde a falta de investimentos nas escolas do campo até à não-participação dos pais na vida escolar dos seus filhos. Essas educadoras muitas vezes necessitam deixar de lado esses problemas e, de forma surpreendente, conseguem obter bons resultados com suas turmas.

Portanto, quando a professora utiliza textos como base de suas atividades, os alunos só têm a ganhar, pois as letras, as sílabas e posteriormente as palavras que antes eram vistas por eles como algo totalmente abstrato, de forma solta, agora começam a ter sentido, porque constituem textos, porque a criança começa a ter a noção do todo, do concreto, ou seja, vivenciam surpreendentes e maravilhosas descobertas

## 7 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARROYO, Miguel Gonzalez e FERNANDES, Bernardo Mançano, **A educação básica e o movimento social do campo**, Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo,nº2.

BRAGIO, Silvia Lucia Bigonjal **Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BRASIL. **Todos pela educação:** Disponível em:<<http://https://www.todospelaeducacao.org.br/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

Ferreiro, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. Trad. Horácio Gonzalez et al. São Paulo: Cortez autores associados ,1986<sup>a</sup>.

Ferreiro, E. & Teberosky A. **A psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas ,1986

FREIRE, Paulo **Coleção educadores**. MEC | Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana 2010.

Goodman, Y. **O processo da leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento** In:Ferreiro,E.; Palacio, M. G.( coords.). Os processos de leitura e escrita. Porto Alegre : Artes Médicas ,1987.

Hage,Salomão Mufarrej, **Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará**. Belém: Gráfica e Editora Gutemberg Ltda, 2005.

Molina, Mônica Castagna.Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

REGO. Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórica – cultural da educação**, 4 Ed, Petrópolis, RJ:Vozes 1995

Smith, Frank. **Understanding reading: a psycholinguistic analysis of reading and learnig to read**. New York: Holt, Rinchart and winston ,1971.

SOARES, Magda **ALFABETIZAÇÃO: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

# ANEXOS



Escola Municipal João Lins Vieira

Nome: \_\_\_\_\_

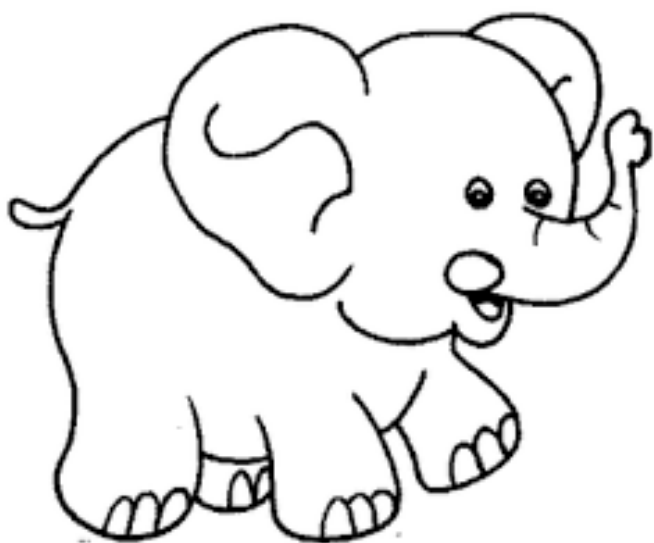
## Texto

### **A invenção do sapato**

Primeiro olhou o pé do mosquito  
e achou esquisito.  
Depois examinou o pé do cachorro  
e disse: "Socorro!"  
Já o pé do elefante  
achou interessante.  
Mas quando juntou  
o pé do sapo  
e o do pato  
é que o inventor  
chegou ao sapato.

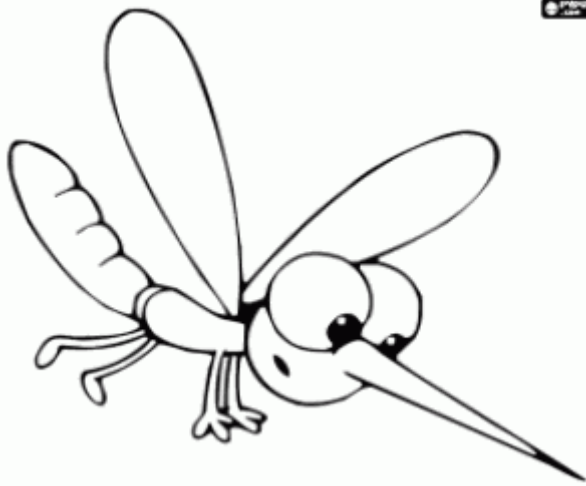
SILVESTRIN, RICARDO.  
Fonte: É tudo invenção

1- Observe as figuras abaixo e escreva o nome delas e depois pinte:



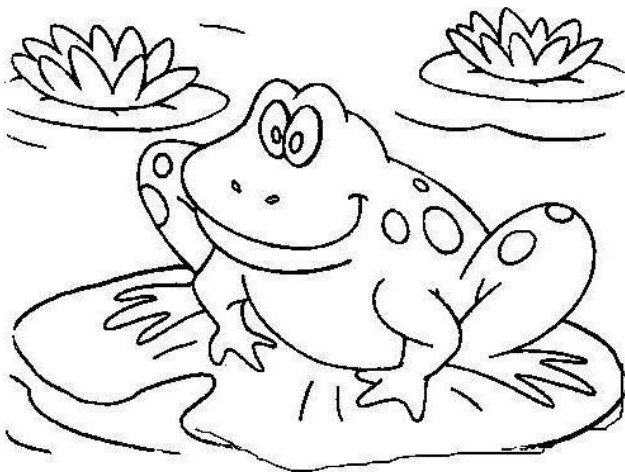


---



www.piggy.com

---



---

PROJETO DE LEITURA E DE ESCRITA:  
“BARRAQUINHA DA PAZ”

**Material:**

Folhas de papel ofício  
Lápis de quadro (Preto)  
Pincéis atômicos (verde)  
Cola branca  
Tesoura sem ponta  
Lápis grafite  
Alfabeto móvel

**Sequência didática**

- 1- Conversar com as crianças sobre o significado da palavra “PAZ”, trabalhando as “ Palavras Geradoras” (Paulo Freire)
- 2- Perguntar se eles querem construir uma “ Barraquinha da paz” na sala de aula.
- 3- Escrever o nome “ Barraquinha da paz” no quadro branco.
- 4- Perguntar que outras palavras também são bonitas como o nome “paz”:  
Amor, carinho, abraço, beijinho, tranquilidade, etc.
- 5- Registrar no quadro as palavras que as crianças forem falando.
- 6- Ler as palavras em voz alta.
- 7- Dividir as crianças em duplas (agrupamentos produtivos).
- 8- Apagar as palavras do quadro branco, para que as crianças não copiem essas palavras e que elas possam montar as palavras com o auxílio do alfabeto móvel.
- 9- Distribuir folhas de papel ofício em branco, alfabeto móvel e cola.